

Cada numero contém sempre uma obra completa



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ≈ ≈

O Trapeiro de Paris

N.º 25



O craneo da mulher despedaçou-se de encontro ás iages...

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL

· RUA DA ERA, 17 — LISBOA

Esc. 1\$

169367

Asphaltes extraordinaires
de la Manufacture de Paris

O Tapeteiro de Paris



ACD
823.91
D598.99
P47
v. 9
no. 25

O Trapeiro de Paris

O crime da mulher perdida

Através das ruas do bairro de S. Germain em Paris caminhava um velho tropego.

Os primeiros raios de sol esforçavam-se de balde por despedaçar a muralha de nuvens que se erguia sobre o horizonte.

A luz dubia d'essa madrugada, o vulto do ancião tinha qualquer coisa de fantastico. Dir-se-hia uma alma do outro mundo.

Contemplando-lhe porém a fisionomia rugosa, não era difficil reconhecer nele uma vitima do alcool, um homem estragado pelo abuso da aguardente e dos espirituosos.

De magreza horrivel, o peso dos anos vergára nele a espinha dorsal, fazendo uma figura grotesca de quem porventura antigamente fôra esbelto. As faces eram acobreadas, o nariz verrugoso, semelhante a um pedaço de basalto vermelho escavado e corroido pela acção do mar, e os olhos dum azul acinzentado, constantemente humidos.

E comtudo, não era o que se chama repelente a quella figura de velho.

Tinha até qualquer coisa de amavel, e muito pintor o invejaria decerto para modelo, afim de fixar os traços singulares d'aquella cabeça num esboço preparatorio de um grande quadro futuro, que poderia muito bem intitular-se: O trapeiro de Paris.

O tio Carousse era com effeito trapeiro de profissão.

Pertencia a essa imensa classe cujos membros contam em Paris muitas centenas de pessoas, as quaes

examinam cuidadosamente o lixo da grande cidade, a vêr se no meio dele não haverá ainda qualquer coisa aproveitavel.

Recolhem com especialidade os trapos e papeis velhos, que vendem depois aos agentes das fabricas de papel.

E' verdade que nos ultimos tempos tem esta industria tido enormes progressos. Hoje podem-se abater florestas inteiras, e dos troncos das arvores fabrica-se papel, comtudo o de melhor qualidade é ainda feito de trapo.

Naquella manhã trazia o tio Carousse o seu sacco ás costas, e ao passo que o segurava com a mão esquerda, apoiava a direita a uma bengala de que todos os trapeiros se servem para remexer os montes de lixo.

Nem no verão nem no inverno usava qualquer chapéu ou bonet,

A cabeça, protegia-lha naturalmente a sua enorme cabeleira nevada.

Quanto ao vestuario, era este sem duvida composto de peças encontradas eute os montes de trapo.

Trazia um casaco amarelo escuro, achado em qualquer canto do bairro de S. Germain, no qual não era difficil reconhecer ter pertencido outrora a um automobilista.

Duas tesouradas tinham adaptado essa peça de vestuario á sua actual categoria.

As calças azues tinham em tempo pertencido a um brioso official de marinha.

Só a camisa parecia ter sido adquirida legalmente. Talvez que o velho a comprasse em qualquer adelo de Batignolles, onde costumam fornecer-se os trapeiros.

O tio Carousse assobiava despreocupadamente uma canção brejeira. Tinha bebido a costumada dose de absinto, e encontrava-se naturalmente de bom humor.

Dirigia-se de um monte de lixo para outro, examinando-os com a consciencia de um naturalista.

Naquele dia a colheita não tinha corrido bem.

Um lenço, denunciando ainda com intensidade um perfume de *boudoir*, um par de meias de seda, que uma cosinheira da alta roda tinha deitado fóra, e uma panela velha, que poderia quando muito valer ainda dois ou três *sous*, constituíam os achados que o tio Carousse fizera naquela hora de pesquisas, aparte alguns trapos e papeis destinados á fabrica.

— Maus tempos! Maus tempos! cantarolava o velho. Que a humanidade já não é tão leviana, nota-se bem quando se está nesta profissão.

«Quando me lembro das coisas que se achavam antigamente aqui no bairro de S. Germain, ou noutro qualquer bairro elegante de Paris... Colhêres de prata, aneis, esquecidos na agua de lavagens; até dinheiro e jói s se encontravam!

«Então ainda merecia a pena ser trapeiro. . .

«Hoje, mal chega para o absinto. Raio de vida!

O tio Carousse parou em frente de um monte de lixo, e começou a remexer-lo com a bengala. Ao mesmo tempo contemplava as janelas de uma casa nobre, cujas cortinas estavam ainda corridas.

— Os felizes da terra dormem ainda, continuou ele no seu solloquio.

«Embebedam-se com champanhe e não com aguar-dente.

«Aquilo é obra mais fina.

«Tambem não lhes tenho inveja por causa disso. Bebedeira é bebedeira, seja com vinho fino ou com o que fór.

«E além disso, resta saber se uma *perúa* de chan-pane me agradaria tanto como de absinto,

«A gente não larga com facilidade aquilo a que se habitua.

«De resto, sabe Deus se aqueles que neste modormem lá dentro, não terão de andar um dia pelas ruas de Paris, a juntar trapos velhos. . .

«Deu-se o caso comigo. . .

«Já ouve tempo em que eu vestia sobrecasaca e calçava bota de polimento, e tinha muita *massa* na algibeira. . .

«O diabo foi o vinho e as mulheres. E as estroinices que a gente faz neste mundo. . . Primeiro, a *coisa* é devagar, depois, cada vez se desce mais depressa. . .

«Nada. . . absolutamente nada,—continuu, voltando uma caixa de charutos vazia que acabava de encontrar—,hoje em dia nem vale a pena curvar-se uma pessoa para apanhar qualquer coisa na rua,

«Bem, vamos andando. . . Talvez encontre alguma coisa no boulevard. As *cocottes* andam sempre por ali, e esta canalha deita ás vezes coisas fóra que ainda teem algum valor»,

E o tio Carousse lá foi cambaleando até á esquina do boulevard.

A rua estava quasi deserta.

Tinham apagado os candieiros á aproximação do dia, e as aves nocturnas acabavam de recolher ao ninhos.

— Lá está o meu monte de esterco predilecto, disse comigo o tio Carousse.

«Não sei porquê, mas imagino sempre que vou ali encontrar qualquer coisa que me fará feliz.

«Não sei o que me atrae a este sitio.

«Vamos a vêr se consigo descobrir hoje alguma colher de prata ou algum relógio de ouro.

«Estou bem precizado disso. O absinto está tão caro. . . »

No momento em que o tio Carousse ia remexer o lixo com a ponta da bengala, dubrou a esquina uma elegante figura de mulher,

Era uma rapariga dos seus 18 anos, extraordinariamente formosa, delgada, de seios erectos, toucada com um pequeno chapéu de palha sobre os cabelos de oiro.

Não vestia ricamente, mas havia no seu todo uma certa preocupação de agradar.

A hora a que andava pela rua, a expressão de fadiga que havia no seu rosto, as otheiras levemente acentuadas, deixavam adivinhar uma dessas mulheres que por alguns francos estão dispostas a acompanhar o primeiro desconhecido a um hotel de pernoitar!

O tio Carousse interrompeu subitamente a sua tarefa; colocou a mão direita em viseira sobre os olhos e contemplou um instante a bonita rapariga que acabava de apparecer no boulevard.

— Lola. . . minha filhinha. . . Santo Deus. . . Pois és tu?

«Aqui está o que se chama andar com sorte. Ha muitos mezes que te não punha a vista em cima. . . »

A mulher parou, passando a mão pelos cabelos louros.

Olhou com indiferença para o trapeiro, verificou num relance d'olhos que não havia ninguem nas proximidades, e respondeu:

— Bom dia, velhinho. Então não ha maneira de deixares o absinto?

— Merece lá a pena, Lolita! respondeu o velho rindo.

«Pelos poucos dias que me restam de vida. . . Depois, lá diz o ditado, do berço á morte, a *perúa* é o meu forte. . .

«Tu é que parece que não vaes mal! Trazes uma blusa de seda, ainda que não seja nova; sapatinhos da moda. . . Caspité! Meias de seda. . . Até uma saia de baixo bem bonita. . .

O velho alcoolico juntou as mãos com admiração.

Não tem importancia. Isto é obrigação do negocio, respondeu a outra friamente.

«Mas podes crêr, meu velho, cada vez me aborrece mais ter que andar pelas ruas toda a noite. . .

«Se pudesse encontrar algum *tipo* que casasse comigo, ainda que fosse um modesto empregado ou operario, que não ganhasse mais que o pão de

cada dia. . . Deixa estar que não estava n'esta vida nem mais um instante.

— Também não precisavas ter chegado a isso, Lolita, disse o velho com seriedade.

«Se tivesses ficado comigo na cova dos trapos, nada te teria faltado.

«Comquanto eu seja um velho odre e um farrapilho perfeito, não podes dizer com verdade que eu te tenha algum dia deixado passar fome.

«Nunca te faltou o pão, e enquanto estavas comigo, era bem melhor.

A rapariga contrahiou os labios com desprezo.

— Então imaginas porventura que estou disposta a passar *larica*?

«Querias talvez que apodrecesse na cova dos trapos?

«A isso prefiro ser *borboleta*.

«Ainda que me veja obrigada por alguns francos a lançar-me ao pescoço do primeiro desconhecido, ao menos posso comer até ficar satisfeita e escuso de andar descalça. . .

«Olha, vêz este *luz*? Deu-m'o hoje um freguez. E' andar com sorte.

«Mas lá na cova nunca eu teria visto em dias de minha vida tanto dinheiro junto.

O tio Carousse teve um riso amarelo.

— Tens razão, disse ele. Lá isso é que não podia ser.

E continuou a mexer no lixo com a ponta da bengala,

— Lolita, exclamou ele de repente, quando a rapariga se preparava para seguir o seu caminho. Ao menos podes dar-me alguns sous. . . Tens bastante. . .

— Estás doido! . . . disse ella bruscamente. Imaginas talvez que não preciso de dinheiro para mim?

«Sabe Deus se amanhã terei outro freguez que me pague tão bem. E' preciso contar com o futuro. . .

— Dá-me dois sous, Lolita, continuou o velho na sua lamúria. Ao menos posso comprar uma *ameixa* para o almoço. . .

— N'essa não caio eu, respondeu Lola com um olhar de desprezo, talvez suponha que tenho obrigação de te sustentar os vícios. . . Já me tens *chapado* bastante. Desanda para casa, mete-te na *pidra*, e coze-a que é o que tu precisas. . .

— Descarada! resmungou o velho, continuando a sua tarefa.

— Com franqueza, eu gostava. . . gostava de. . .

Mas o trapeiro não completou a frase.

Deixou cair precipitadamente a bengala e ergueu do chão uma carteira que acabava de descobrir. Estava toda suja de lama.

— Olá, velho! Que tens tu af? perguntou Lola vivamente. Santo Deus! Mas isso é uma carteira. . .

— E' uma carteira, é. . .

E as mãos do velho tremiam de comoção.

Examinou por todos os lados o precioso objecto, e os seus olhos brilhavam ds alegria.

— Pois não ha duvida, Lola. E até ia jurar que

não está vazia. Corto o pescoço se não tem qualquer coisa dentro. Talvez dinheiro. . .

— Eu sempre disse que este monte de esterco havia de fazer um dia a minha felicidade.

— Sempre tive predilecção por elle!

Falava difficilmente, com voz tremula, na ancia da expectativa.

Estava tão comovido que nem podia abrir a carteira.

— Vamos, depressa! exclamou Lola. Queres talvez que venha aí a policia, e sejas obrigado a entregala.

«Avia-te. Mostra cá isso.

Com um gesto sacudido arrancou a carteira das mãos do velho e abriu-a.

Soltou-se-lhe dos labios uma exclamação de surpresa e alegria.

Mas o velho tinha visto tambem, e enquanto as mãos de Lola remexiam febrilmente o conteúdo, o tio Carousse esboghava os olhos aute os massos de notas do banco que saiam do interior ds carteira.

— Mil. . . cem mil. . .

O velho exprimia-se com voz rouca, cada vez mais trémula. . .

— Conta, Lola, conta. . .

«Duzentos e vinte mil francos. . . olha. . . mais. . . trezentos. . . quatrocentos, Lola! mais. . . meio milhão de francos!

— E' verdade, deve ser meio milhão, respondeu a mulher com voz surda. Deus sabe quem o perdeu, mas seja lá quem fôr, não tornará a vêr o dinheiro.

— Não, lá isso não, minha filhinha, disse o velho cambaleando um pouco. Nunca mais o torna a apanhar. Só se en fosse tolo!

«Meio milhão de francos! Estamos ricos, Lolita, pobemos agora mobilar uma habitação decente. . . Diabos me levem se torno a beber a maldita gero-piga do costume. Champagne é que ha de ser!

«A ti, hei de comprar vestidos de seda, e hei de te arranjar um rapaz do teu gosto. . .

«Vaes ser rica. Bem vêz, apesar de me teres recusado os dois sous para uma *ameixa*, não me esqueço que sou o teu papá, e a dita estar que havemos de nos vingar bem das miserias passadas.

Houve um instante de silencio.

— Dá cá isso, continuou o velho, estendendo mão.

Lola segurou a carteira com vivacidade, apertando-a contra o peito.

Olhava de soslaio para o pae, com os olhos desmedidamente abertos, com expressão de féra.

— A carteira? rouquejou ella.

«N'essa não caio eu. Não t'a dou.

«Aqui a dois dias tinhas *cantado* tudo com a bebedeira, a policia vinha a saber da coisa, e adeus minhas encomendas. Era uma vez um sonho de abundancia e de vida socegada. . .

«Guardo eu o dinheiro. De vez em quando vae lá a casa, e apanhas uma moeda de dez francos. . .

O tio Carousse entreabriu a boca e contemplou a lha com expressão de espanto.

—Hein?! Que dizes tu? Então não me dás a carteira?

«Qual de nós a achou?

—E' indiferente, tornou Lola, a carteira é que eu não dou.

O velho soltou uma imprecação:

Estupor! Dás isso ou não dás? A carteira fui eu que a achei, e dá-te por satisfeita de receberes um par de mil francos. . .

—Vá. Deixa-te de lérias. Dá cá o *milho*. Senão, bem sabes que o tio Carousse sabe dar para baixo mesmo que esteja bebado. . .

A mulher abriu entretanto o corpete, e escondêra a carteira no seio.

La abotoar de novo a blusa, duando o velho se tirou a ela como um tigre.

—O meu dinheiro! Dá cá o meu dinheiro! Queres roubar-me? Esgano-te, se te atreves a. . .

Lola deu-lhe no peito um murro tão violento, que o velho cambaleou, e não pde conservar-se mais tempo de pé.

Cafu pesadamente, como um corpo inerte.

A mulher olhou em torno, a vêr se vinha alguém.

Depois curvou-se rapidamente, apanhou do chão a bengala de ponta de ferro, e rugiu brandindo a arma

—Ah, tu queres transtornar a minha felicidade, velho ôdre? Pois enganas-te, se julgas que estou para complacências. Vaes morrer, para não seres um obstaculo aos meus planos. . .

«Vaes morrer como um cão, e depois poderei emfim viver descançada!

Com inaudita violencia, levantou a bengala sobre a cabeça do trapeiro, quando este esboçava um movimento para se levantar, e vibrou o golpe. . .

A ponta de ferro cravou-se no cráneo do velho que caiu de novo, soltando um rugido de dôr.

Pela fractura jorrou sangue em borbotões, e a massa encefalica espalhou-se sobre o lagado. . .

Lola arremeçou então a bengala para longe, e afastou-se d'aquelle local tão depressa quanto possível.

Dobrou á primeira esquina, e retomou logo o passo natural de quem não tem pressa de recolher a casa.

A sua fisionomia não tardou a serenar, e um sorriso *coquette* brincou-lhe nos labios.

Dois homens caminhavam no nesmo passeio em sentido contrario.

Um d'eles, elegantemente vestido, com o aspecto de um estudante do Bairro Latino aproximou-se de Lola e parou na sua frente.

— Bons dias, princeza. . . Queres vir comigo? . .

— Deixe-me seguir, respondeu ella. Outra vez será hoje estou muito cansada.

O estudante encolheu os hombros e foi andando.

—E' pena, murmurou ele. A pequena é simpática. . .

.....

Três horas depois, os transeuntes dos boulevards

e das ruas da grande cidade que se dirigiam ao trabalho, pararam alguns momentos ás esquinas, onde acabava de ser afixado um grande cartaz, com os seguintes dizeres:

10.000 FRANCOS DE ALVIÇARAS

Hontem á tarde, foi entregue ao empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, morador na rua Charpentier, 11, a quantia de 500.000 francos em notas de banco, para ir deposita-la no Credit Lyonnais em nome da casa,

Como se reconheceu duas horas depois Girardin não foi visto no Credit Lyonnais, não tendo assim cumprido seu mandato.

Constatado o seu desaparecimento, surgiu a suspeita que Jacques Girardin tenha fugido com o dinheiro.

Jacques Girardin tem 57 anos, é alto, magro, cabelo grisalho e basto, bigode grisalho e olhos azues. Sinaes particulares: nenhum.

A firma Bontou & Irmãos dará de alviçaras a todo aquele que indicar o paradeiro de Girardin a quantia de 10.000 francos.

Caso dinheiro seja recontraado, as alviçaras elevar-se-hão á soma de 30.000 francos.

O presidente da policia.

Um pai cuidadoso

Tinha passado cinco anos sobre estes acontecimentos.

N'um elegante *appartement* da rua Charpentier, dois homens apertavam efusivamente as mãos.

Um d'estes homens era o chefe da firma Bontou & Irmãos, um homem de certa idade, distinto, com o aspecto de um parisiense da melhor sociedade.

Usava pera grisalha, e era pequeno de estatura.

O outro, muito mais alto, tinha cara rapada, e o cabelo louro, já meio grisalho junto das fontes, emoldurava uma frente que irradiava inteligencia.

— Obrigado, mil vezes obrigado, meu caro senhor Holmes, exclamou o sr. Bontou apertando cordealmente a mão do policia. Agradeço-lhe imenso o ter correspondido tão depressa ao meu apelo.

«Não o esperava, realmente, pois, sei quanto tem que fazer, e conheço o seu principio nunca abandonar negocio que tenha entre mãos.

— Realmente é factó, respondeu sorrindo Sherlock Holmes.

«Mas o nome do senhor Bontou era para mim o suficiente para eu me dirigir aqui sem mais delongas.

«Nunca esquecerei que foi o senhor quem, na qualidade de membro do conselho co Banco Otomano, me honrou outr'ora com a sua confiança entregando-me nas mãos a resolução de um caso importante, quando eu não tinha ainda fama alguma.

«Recorda-se? Foi por ocasião do roubo que o banco sofreu, quando eu fui descobrir os auctores no labirinto de Constantinopla. . .

«Com isso, meu caro sr. Bontou, tive ocasião de tornar conhecido o meu nome, e aqui está o que nunca esquecerei,

— Pelo contrario, sr. Holmes. Sou eu quem tenho a agradecer-lhe pelo serviço prestado nessa ocasião, pois não tardaram quatro semanas depois do roubo e já os seus auctores estavam presos graças á sua diligencia.

«Foi até a recordação desse facto que me levou a telegrafar-lhe agora pedindo a sua compareaencia em Paris.

«Mas tenha a bondade de sentar-se, meu caro sr. Holmes. Em que hotel se encontra? Sempre esperci que quizesse dar-me o prazer de ser meu hospede. . .»

— Era pouco pratico sr. Bontou, disse o genial criminalista; preferi instalar-me no Grande Hotel.

«Tomei dois quartos e inscrevi-me com o meu nome verdadeiro. Comigo veio o meu fiel discípulo Harry Taxon, que me acompanha para toda a parte.

«Mas desde que trate de qualquer questão criminal, firengemos que partimos de Paris, e alugaremos uma casita em qualquer canto; é claro sob nomes supostos.

«O sr. Bontou sabe de certo que é sob o incognito que trabalho melhor. . .

— Bem sei, bem sei; disse o banqueiro.

Todas as precauções que o sr. costuma tomar, conduzem sempre á descoberta do mysterio. . .

«Agora queira ter a bondade de escutar o motivo que me levou a pedir-lhe a sua visita aqui.»

— Qualquer alcance no seu banco?

Bontou abanou tristemente a cabeça.

— Não, meu caro Holmes, respondeu ele. O caso é mais importante: é uma coisa bem dolorosa para mim.

»Queira ascender um charuto, e escute com atenção.

«Sou obrigado a falar-lhe de uma triste questão de familia, de um mysterio. . .

Sherlock Holmes acendeu o charuto, e preparou-se para ouvir.

Bontou, que escondera o rosto com as mãos, tomou de novo a palavra.

— O sr. Holmes sabe perfeitamente que tenho sido bastante feliz nos meus negocios.

«Tendo começado mais que modestamente, vejo-me agora proprietario de uma das primeiras casas bancarias de França, cujas transações se fazem em todas as partes do mundo.

«Sou rico, muito rico. Isto é, tinha todas as razões para me considerar plenamente satisfeito com a vida.

«Mas nada neste mundo é perfeito, nem mesmo a felicidade humana.

«Tambem Deus me distribuiu a minha cruz, que bastante me faz sofrer agora.

«Minha esposa, que ha dez anos descança na paz do Senhor, deu-me um unico filho.

«Chama-se Mauricio.

«Na adolescencia distinguia-se ele pela applicação ao estudo, que foi brilhante, e quando aos 18 anos o colloquei na minha firma, felicitava-me de o ter por filho.

«Estava convencido de que, logo que eu um dia fechasse os olhos, teria nele um continuador digno da grande obra que encetei, e que sob a minha direcção tanto tem progredido.

«Mas que valem projectos. . . que valem fantasias e castelos no ar? . . . O mais insignificante vento os destroi por completo.

«Mauricio não correspondeu ás esperanças que eu tinha nele.

«Não lhe faltava intelligencia, é verdade; mas a vida da grande cidade exercen sobre êle a maldita tentação.

«Esta grande, brilhante cidade dourada! Quantas victimas não tem sacrificado já. . .

«Nada mais difficil que ser honesto nesta grande babilonia de Paris, e principalmente os filhos de boas familias estão sujeitos a perigos de toda a sorte.

«Não creia, meu caro Holmes, que pertenço aquella categoria de paes que não sabem ou não querem comprehender a mocidade.

«Acho justissimo que todos nós paguemos o tributo devido á verdura dos anos. . .

«Desta forma, deixei meu filho ir até onde era licito. . .

«Com 18 anos, dispunha ele do dinheiro sufficiente para sustentar dez familias modestas.

«Mas o rapaz começou a frequentar as más companhias. . .

«Fez dividas que satisfiz pontualmente.

«Tornou a fazel-as, tornei a pagar.

«Por fim decidi atalhar com energia, não pelo prejuizo que causava á minha bolsa, porque não me arruinava com isso, mas por vêr que meu filho seguia o caminho da perdição e da deshonra,

«Falei-lhe longamente.

«Atirou-se-me ao pescoço e prometeu-me abandonar as companhias com que andava metido.

«Então prontifiquei-me a satisfazer de novo todas as dividas que porventura tivesse feito nos ultimos tempos. Essa quantia montava a quarenta até cincoenta mil francos.

«Paguei, e devo confessar, desde esse dia começaram a notar-se progressos na regeneração de Mauricio.

«A differença na sua maneira de viver foi tão repentina que começou a preocupar-me.

«Mauricio retirou-se completamente dos seus antigos amigos, começou a passar todas as noites em casa, a cumprir com a maior regularidade os seu deveres no escritorio. . . Tornou-se um verdadeiro modelo para os empregados.

«Comtudo, não podia dissimular uma certa inquietação que bastante me preocupava como pai.

«Nervoso, muito nervoso, diziam os medicos que consultei sobre o caso. Muitas vezes constatei que meu filho tinha longas insonias, e ficava ás vezes

horas sentado no seu quarto, a cabeça apoiada nas mãos, como um neurastenico. . .

«Os medicos aconselharam Mauricio a passar uma temporada em qualquer praia de banhos.

«Resolveu partir para Ostende, e dei-lhe para isso todo o dinheiro de que precisava.

«Ficou nessa praia durante toda a estação, e quando voltou, admirei-me bastante da mudança que se operara nele.

«Voltava com boa cõr, o olhar brilhante, a figura direita, enfim, parecia ter novamente renascido para a mocidade e para a vida.

«Não tardou em que eu reconhecesse que não era sómente devido ao clima e á mudança de ares a transformação de Mauricio.

«Ele proprio me contou um dia que travára relações em Ostende com uma senhora, a quem se dedicara de alma e coração.

«Não era mais nova do que ele, que contava ao tempo vinte anos. Mas os apaixonados não perguntam nunca pela idade daquelas a quem entregam o coração. . .

«Essa senhora tinha vinte anos feitos, e quando Mauricio me mostrou o seu retrato, fui obrigado a confessar que nunca em minha vida tinha visto formosura assim.

«Imagine, sr. Sherlock Holmes: uma figura elegante e cheia de mocidade, alta e magestosa como a de uma rainha, um rosto encantador emoldurado numa cabeleira dum louro fulvo como nunca vi, e uns olhos ardentes, cheios de expressão. . . Ao ver esse retrato compreendi então que Mauricio se tivesse apaixonado daquela forma.

«Comtudo para mim havia circumstancias de ordem diversa que me levaram a hesitar antes de dar a minha opinião definitiva.

«Perguntei a meu filho quem ela era, e respondeu-me o seguinte:

«—E' orfã de pai e mãe.

«O pae era um coronel francez, morto na Algeria na guerra contra os Cabylas.

«Tendo vivido com o coronel Dangermond muito tempo em Africa, voltou depois da morte dele para a Europa, e hospedou-se numa pensão elegante de Paris.

«Mauricio disse-me o nome dessa pensão, e tomei nota dele.

«—Não imagine men pai, continuou Mauricio, que Lola seja pobre. E' possuidora de fortuna superior a 5000:000 francos, depositada á sua ordem no Credit Lyonnais.

«Suplico-lhe, meu pai, que dê o seu consentimento, e permita que una o meu destino ao de Lola!

«—E. . . está ela de accordo, perguntei.

«—Absolutamente, disse ele. Tem por mim o mesmo affecto louco que tenho por ela.

«O nosso maior desejo é casar-mos, e tão depressa quanto possivel.

«—Se tudo o que me dizes, ou antes, se tudo o que ela te disse é verdade, meu filho, não vejo razão para te negar o meu consentimento.

«E' verdade que és ainda muito novo, mais ha muita gente que tem a opinião de que o casamento aos vinte anos é o mais sensato de todos,

«—Deixa-me pois alguns dias para eu tomar as minhas informações—sabes, Mauricio quanto desejo a tua felicidade—e depois darei então o desejado consentimento.

«Onde está atualmente essa senhora?

«Em Ostende, onde espera ansiosamente noticias minhas,

— Bem, respondi.

«No dia seguinte mandei tomar todas as informações possiveis.

«O Credit Lyonnais confirmou-me que, efectivamente Lola Dangermond tinha em deposito um capital de 580.000 francos.

«Na pensão onde ela morava referiram-se a ela com a maior simpatia, dizendo que Lola Dangermond era uma senhora extraordinariamente amavel á qual se não poderia fazer a mais pequena censura.

«Dirigi-me depois ao Ministerio da Guerra, e perguntei pelo coronel Dangermond.

«As informações foram as melhores possiveis, o coronel era um homem de bem em toda a accepção da palavra e morrera ao serviço da patria.

«Fôra condecorado com a Legião de Honra, e como eu pretendesse saber qualquer coisa sobre sua filha, dissera-me que era impossivel por falta de elementos dar qualquer informação sobre sua familia.

«Por fim dirigi-me a uma agencia de informações, e por ela soube do seguinte:

«Dangermond enviára ainda novo, tendo sua mulher pertencido a uma familia aristocrata de Franca, e partira mais tarde para a Africa com sua filha.

«Sobre a vida do coronel em Africa não pude obter senão indicações vagas por intermedio da agencia. Dangermond occupava um posto na fronteira, nos confins do deserto, e aí vivera em luta constante com as Cabilas. Era impossivel, pela dificuldade de inquerito, fornecer qualquer dado preciso sobre essa epoca.

«Mas eu sabia o bastante. Lola não tinha dito a meu filho senão a verdade.

«Reconheci que possuia consideravel fortuna, que tinha bom caracter e descendia de familia illustre

—Diga-me, sr. Sherlock Holmes. Havia porventura algum motivo para eu recusar o consentimento a meu filho?»

—Decerto que não, respondeu o policia.

—Parti pois com Mauricio para Ostende, conheci Lola, e 24 horas depois estava tão encantado, que eu proprio teria casado com ela, se meu filho não pretendesse faze-lo. Dei com o maior prazer o meu consentimento e determinei que a cerimonia se realisasse dentro de quatro semanas.

«Durante esse praso, teve minha irmã, a viscondessa de Turnivile, a amabilidade de oferecer-se para hospedar mademoiselle Dangermond, e posso afirmar-lhe que ficou tão encantada com Lola como eu proprio tinha ficado.

«Por ocasião do consorcio appareceu uma pequena difficuldade. Tratava-se dos papeis; Lola não possuia mais que a certidão de idade, era preciso arranjar a certidão de obito do pai e ainda outros documentos. O nosso consul teve a amabilidade de resolver essa difficuldade.

«Soube n'esta occasião que Lola tivera uma irmã, que fôra victima na Algeria de uma doenca dos tropicos, e que essa irmã se chamava Rosa.

«Lola não se tinha referido nunca a essa irmã. Explicou depois que bastava citar-lhe o nome para reaviver a dôr enorme que tivera ao perde-la, e por essa razão nunca pronunciara uma palavra a tal respeito.

«Tudo estava em ordem,

«A cerimonia realizou-se, e Mauricio foi com sua mulher habitar um elegante palacete dos Campos Elyseos, visto que eu não quiz consentir de forma alguma que os noivos passassem a lua de mel nesta casa, onde por ventura não teriam as comodidades de que ella era digna.

«A principio parecia que o novo estado de meu filho lhe trouxera a felicidade completa.

«Pelo menos, todas as vezes que me falava, Mauricio assegurava-me que era intensamente feliz e que cada vez adorava mais sua mulher.

«Mas pouco a pouco comecei a notar que o rosto de meu filho se annunciava, que voltavam os velhos tempos de neurastenia... Observando tambem minha nôra, acabei por convencer-me que Mauricio se tinha enganado amargamente na escolha da esposa.

«Lola gostava de agrada e dar nas vistas, era garrida e falta de sentimentos, e parecia-me uma natureza extremamente sensual, que se afastava gradualmente do marido á medida que este adoezia.

«A casa de meu filho começou a ser frequentada por uma sociedade que me agradava pouco.

«Os Bontous representaram sempre um nobre papel em França e estão ligados com as melhores familias do tempo do imperio.

«Lola contudo sentia-se mais atraída para a boemia.

«Recebia actores mediocres, escriptores sem talentos, acrobatas e gente de circo, aventureiros hespanhoes e italianos, condes, cuja nobresa não resistiria á menor investigação; em suma, uma sociedade heterogenea que me entristecia bastante.

«Afastei-me naturalmente d'aquella casa e Mauricio não tardou muito que se fechasse sistematicamente na biblioteca, ao passo que no primeiro andar os salões resplandeciam de luz, a musica vibrava e se dançava animadamente.

«Ainda não chegámos contudo ao ponto onde eu careço dos seus serviços, sr. Sherlock Holmes.

«Ha precisamente quatorze mezes fui eu surpreendido pela visita de minha nôra.

«Ha muito que as nossas relações eram frias: ella sabia bem que nada me passava despercebido.

«E como ha algum tempo eu deixára de ter atenções para com ella e de lhe levar valiosos presentes

sempre que a visitava, era eu para ella se não objecto de odio, pelo menos de indiferença.

«Havia quatro semanas que a não via, e cerca de quinze dias que não falava com Mauricio.

«— Que aconteceu? perguntei ao vê-la.

«— Estará meu filho doente?

«— Seu filho? exclamou ella. Porquê? não veio despedir-se do senhor?

«— Não sabe que partiu para uma grande viagem atravez do mundo?

«— Como?! Mauricio partiu de Paris, sem me vir apertar a mão, sem sequer me dizer adeus? E' quasi impossivel.

«— Tivemos uma pequena discussão, tornou ella, e de repente meu marido exclamou:

«— Não me verás durante algum tempo, talvez tenhas mudado quando eu voltar. Vou fazer uma viagem pelo mundo.

«Primeiro supuz que era brincadeira, mas elle partiu nessa mesma noite. Eu propria lhe vi o bilhete da agencia Cook, de onde depreenhi que efectivamente Mauricio ia dar a volta ao mundo.

«Que Mauricio estava doente já eu sabia. Porque razão terio elle pois partido para uma tão longa viagem?

«Não me admirei do facto, só extranhei contudo que o tivesse feito sem ao menos se despedir de mim.

«De então para cá decorreram catorze mezes. Nunca mais tive noticias de meu filho, nem o mais pequeno sinal de vida chegou até mim. Começo a inquietar-me seriamente.

«Não me repugna a hipotese—e dizendo estas palavras o sr Bontou olhou para todos os lados como para se certificar que ninguem o escutava,— não me repugna nada a hipotese de que tenham armado qualquer cilada a meu filho.

»Quem sabe se o terão atraído a qualquer cidade estrangeira para o matar. . .

«Tremo só ao lembrar-me disso, Essa idéa fixouse no meu espirito ha poucos dias, e como não sabia que azer, foi por isso que lhe telegrafei, meu caro Holmes, e lhe pedi que viesse quanto antes a Paris, afim de aclarar este misterio.

«Ago a, que conhece bem os factos, peço-lhe que me diga que lhe parece isto tudo».

O grande criminalista apoiou o queixo na mão e franziu as sobrancelhas com modo pensativo.

—E' preciso observar, disse elle bruscamente após alguns instantes de reflexão.

«Supõe que, no caso de terem feito mal a seu filho, a sua nôra esteja metida no caso, senhor Bontou?

—Por muito terrivel que seja essa hipotese, vejo-me obrigado a confessar que é essa a minha opinião sr. Holmes.

—Onde mora madame Bontou? tornou o policia.

—Nos Campos Elisios, rua do Jardim, 73.

—Sua nôra tem algum amante?

—Não posso assegura-lo. Contudo, é provavel. . .

—E tem ainda fortuna? continuou Sherlock Holmes

— Dispõe á vontade da fortuna dela, que creio ter aumentado muito no decorrer dos tempos, pela razão de que todas as despezas eram feitas por meu filho, o qual se tornou socio da minha firma.

«Todos os mezes mando a casa de minha nóra a sua parte nos dividendo».

— Perguntou alguma vez na casa Cook se a historia do bilhete é verdadeira?

— Absolutamente verdadeira.

«Meu filho mandou encomendar o bilhete na agencia e mandou-o buscar depois por um creado».

— Então, pessoalmente não esteve lá...

— Não.

— Quem era a pessoa que foi buscar e pagar o bilhete?

— Os empregados da agencia Cook supõem que tenha sido um criado.

— Diga-me, sr Bonton, perguntou algumas vezes aos criados de seu filho se algum deles fôra encarregado de fazer esse serviço?

— Impossível. Minha nóra substituiu entretanto todos os criados, e o pessoal antigo dispersou-se sem deixar vestígios.

— E' muito interessante. Quando numa casa se muda de criados, é quasi sempre um sinal certo de que houve qualquer cousa de anormal ou que vai passar-se qualquer incidente no intervalo entre a saída dos antigos e a entrada dos novos...

«De resto pôde estar descansado, farei tudo o que em minhas forças couber para descobrir o paradeiro de seu filho».

Por enquanto é escusado pensar num crime.

«E' bem possível que Mauricio tenha efectivamente partido para a tal viagem á volta do mundo».

O policia apertou a mão do banqueiro e prometeu voltar breve.

Atravessou lentamente o labirinto de Paris, em cujas ruas se cruzava incessantemente a multidão, parou aqui e ali diante das montras intensamente iluminadas, e chegou finalmente ao Grande Hotel, onde se tinha instalado.

Quando subia para o seu quarto, veio de repente ao seu encontro um homem novo, vestido decentemente mas com simplicidade.

— Queira desculpar, disse o rapaz, curvando-se. E' ao celebre criminalista Sherlock Holmes que tenho a honra de falar?

— Sou eu proprio.

«Que deseja de mim? perguntou Holmes com um fio de máu humor, pois contrariava-o visivelmente falar-lhe um estranho naquella local».

— Oh, sr. Holmes! Tenha a bondade... Dê-me dois minutos de atenção...

«Suplico-lhe, não me despeça antes de me ouvir. Trata-se de um caso em que periga a honra de um morto».

«E' um filho que vem suplicar-lhe que salve a honra de seu pai, que repousa na paz do tumulo...»

O celebre policia olhou-o com os seus olhos claros numa interrogação muda.

Examinou num relance o seu interlocutor e teve um gesto setisfeito. Como fisionomista emerito, não duvidou das palavras que acabavam de ser-lhe dizi-lhe. Era um mancebo, um adolescente de cabelo louro apartado ao lado, barba em ponta e olhos azues, que lhe deu a impressão de uma excelente criatura.

— Venha comigo, disse Sherlock Holmes, conduzindo-o ao quarto que tinha tomado com seu discipulo.

Primeiro foi verificar a presença de Harry Taxon no quarto contiguo. Em seguida indicou ao mancebo uma cadeira e diss-lhe.

— Seja breve. Nada de pormenores inúteis. De que se trata?

— Chamo-me Francisco Girardin, respondeu elle. Meu pai era empregado na contabilidade na firma Bonton & Irmão...

— Bonton & Irmão?! exclamou Sherlock Holmes surpreendido.

«Como se chamava seu pai?»

— Jacques Girardin.

Ha cinco anos, em Agosto, mandaram-no fazer um deposito de 500.000 francos ao Credit Lyonnais. Era um empregado de confiança...

«O dinheiro estava metido numa carteira preta de couro, e constava de quinhentas notas de mil francos».

— Devia ser uma carteira de grandes dimensões.

— Sem duvida. Meu pai trazia-a sempre numa especie de mochila solidamente presa por correias...

«Nesse dia não appareceu no Credit Lyonnais. O dinheiro não foi por consequencia depositado».

«Supoz-se portanto que meu pai tivesse roubado o dinheiro, e fugido».

— Não se pode levar a mal ao sr. Bonton essa suspeita, disse o policia. E se pensar bem ha de dar-me razão, pois 500.000 francos não são brincadeira...

— Em todo o caso, sr. Holmes, respondeu Girardin, é duro vêr-se apodado de ladrão depois de ter, durante muitos anos de vida honesta e impecavel, adquirido a confiança absoluta dos chefes.

«E a situação do filho é bem mais triste ainda, por estar firmemente convencido da inocencia do pai, e não poder apresentar prova alguma dessa inocencia».

«A policia poz-se logo em campo, mas não foi capaz de descobrir um vestigio de meu pai».

«Colocaram-se grandes cartazes nas esquinas, onde meu pai era tratado como um ladrão».

«Passaram quinze dias».

«Duas creadas, do serviço da familia Bontou, subiram um dia ás aguas furtadas do predio para estender a roupa, e ao abrirem a porta, soltaram um grito de horror».

«Suspenso numa trave balouçava-se o cadaver de um enforcado. Era meu pai».

— Tinha-se suicidado, pois? inquiriu Sherlock Holmes.

— Não, respondeu Francisco Girardin com firmeza. Meu pai foi victima de um assassinato.

— E não se encontrou o dinheiro desaparecido?
 — Não se descobriram vestígios dele. Os 500.000 francos não tornaram a ser encontrados. E a carteira succedeu o mesmo,
 — E a mochila, onde seu pae costumava guardar a carteira?
 — Essa foi encontrada mais tarde na mansarda onde meu pae appareceu morto. Esatva misturada num monte de trapos. . .
 — Diga-me uma coisa, tornou Sherlock Holmes. Havia no corpo de seu pae alguns sinais de ferimentos externos, ou estabeleceu-se com certeza que foi victima de morte por enforcamento?
 — Os peritos foram de opinião que meu pae se suicidara, e a morte fôra devida a enforcamento.
 «Mas os medicos enganaram-se com toda a certeza. Meu pae não se suicidou. Mataram-no, para lhe roubar a enorme quantia de que era portador.»
 — Mas nesse caso o que pretende o senhor de mim?

«Seu pae está enterrado ha muito, o dinheiro nunca mais appareceu, o sr. Bontou, que é imensamente rico, já se consolou ha muito da perda daquele capital. Como posso eu agora ocupar-me desse pretendido assassinato, depois de passado tanto tempo sobre os factos! Que posso eu descobrir de positivo nisso tudo?»

— Oh! sr. Holmes, disse Girardin supplicante. Todos sabem que o senhor consegue sempre aquilo que quer.

Nesse tempo tinha eu dezasete anos, não sabia nada do senhor, e não tinha energia sufficiente para me occupar do que hoje considero para mim uma questão de honra. Agora, o caso é outro. . .

«Tenho economisado 4.000 francos, pois sou empregado da fabrica dos srs. Dimolin & C.^o

«Muitas vezes fiz serões, muitas vezes fui ridiculo aos olhos dos meus camaradas. Não fumo nem bebo. Assim consegui juntar o dinheiro necessario para reabilitar a memoria de meu pae.

«Sr. Holmes, os 4.000 francos são seus, se quizer fazer-me a esmola de se occupar deste assunto, quer tenha exito, quer não.

Esses 4.000 francos ficam propriedades sua, meu caro Girardin, disse Sherlock Holmes sorrindo. Aconselho-lhe a que fume, a que beba e se divirta, pois ainda está no vigor da mocidade.

«E como o senhor é um homem de bem, vamos a ver se consigo aclarar este misterio ao fim de tanto tempo.»

«Está nas minhas mãos o negocio. Pode ir descansado.

Pouco faltou para que o mancebo lhe beijasse as mãos.

Holmes retirou-as com um movimento energico.
 — Dê-me antes a sua morada, disse o policia quasi bruscamente.

Francisco Girardin escreveu a morada num pedaço de papel, balbuciou ainda alguns agradecimentos e retirou-se com as lagrimas nos olhos.

Holmes começou a passear no aposento com as mãos atrás das costas.

— Esta historia interessa-me muito mais do que este rapaz pensa, murmurou ele,

«Na casa Bontou desenrolou-se um drama revestido das mais singulares circumstancias.

«Ha cinco anos que o empregado da contabilidade desapareceu, e a casa Bontou soffreu um prejuizo de 500.000 francos.

«Parece-me que Bontou me contou hoje que precisamente ha cinco anos. . . sim foi isso! . . mas não tem importancia. Que precisamente ha cinco anos entrou seu filho como empregado da firma nos negocios do pae, e começou uma vida de dissipação e orgias. . .

«Mas o que este homem me contou sobre o pretendido crime de seu pae não basta para mim. Precizo de saber mais. . . Harry!»

Harry Taxon, que esperava no quarto contiguo, recebeu ordem de se arranjar para acompanhar o mestre.

Poucos minutos depois tomavam ambos lugar numa carruagem e dirigiam-se á perfeitura da policia.

As actas secretas da policia de Paris

Sherlock Holmes conhecia perfectamente a organização da policia de Paris.

Todos os empregados superiores da perfeitura a cumprimentaram respeitosamente e lhe perguntaram se desejava falar com o perfeito, que o recebia com imenso prazer.

— Não, respondeu Sherlock Holmes. Outra vez falarei com o perfeito. Está cá o sr. Augustin?

O velho Augustin era um dos agentes mais antigos da policia judiciaria de Paris.

Sherlock Holmes tinha tido por outras vezes occasião de falar com este velho policia, que se não possuia outra particularidade, era senhor de colossal memoria e um empregado essencialmente diligente.

— Peça o favor de mandarem Augustin procurar-me ao arquivo, disse o genial criminalista.

«Desejo consultar alguns volumes antigos do *journal*, onde espero encontrar certas indicações.»

Não ha decerto logar mais interessante que o Arquivo da policia de Paris.

E' uma sala imensa, cheia de estantes onde se enfileiram volumes enormes encadernados em carneira.

Nestes volumes estão descritos todos os acontecimentos criminaes de Paris, e como a capital de França é o coração da Europa, a biblioteca do Arquivo de Paris contem a cronica de todos os crimes que ha dezenas de anos se teem praticado no velho continente.

Mas tambem se encontram aí descritas os dramas representados além mar, perfectamente documentados segundo rigoroso método.

O bibliotecário perguntou em que poderia servir Sherlock Holmes.

— Meu caro amigo, respondeu o policia, desejava consultar o *Journal* de 7 de Agosto de 19... e os dias seguintes.

O bibliotecário chamou dois creados, e ordenou-lhes que apassem das estantes os desejados volumes.

Holmes e Taxon sentaram-se a uma meza, e o policia começou a folhear o *Journal* com a data de 7 de agosto de 19...

Tudo o que nesse dia se tinha passado de importante em Paris estava descrito ali, mas mais alguma coisa além disso.

Cada agente de policia devia escrever as suas observações pessoais, de forma que se podia ter uma ideia segura da actividade de toda a policia de Paris.

Depois de ter procurado algum tempo Sherlock Holmes exclamou:

— Cá está o caso Girardin. Não ha duvida, tudo se passou como o rapaz mo contou hoje.

«No dia 7 de Agosto regista-se o desaparecimento do empregado da firma Bontou & Irmãos, e ao mesmo tempo formula-se a suspeita de que ele tenha roubado o dinheiro e fugido para parte incerta.

«Mas á margem ha uma nota que o meu velho amigo Augustin escreveu:

«Investigações feitas sobre a personalidade de Girardin, o empregado da contabilidade desaparecido tornam pouco provavel a hipotese de que o mesmo tenha praticado um roubo contra o seu patrão de tantos anos.

«Girardin vivia desafogadamente, e era conhecido como homem serio e trabalhador, que nunca, durante toda a sua vida, praticara o mais pequeno acto capaz de manchar-lhe o caracter.

«Outra observação, continuou Sherlock Holmes, foi escrita mais abaixo, e procede igualmente do puño de Augustin.

«Observei um pouco a casa Bontou & Irmãos. Bontou senior é homem conhecido pela sua honradez, excelente negociante, sobrio, cheio de caracter. Seu filho Mauricio, pelo contrario, é um temperamento de sonhador, precipitado na onda dos prazeres de Paris; dizem que tem muitas dividas.

O pessoal é constituído por personalidades neutras; ninguem sabe que a quantia de 500,000 francos foi confiada a Girardin para depositar no Credit Lyonnais.

«Só três pessoas conhecem esse facto: O chefe da Firma, Bontou senior, o sr. Tropinard, primeiro guarda-livros tesoureiro da casa, homem tranquilo e desapaixonado, e Mauricio Bontou, o filho do chefe.»

— Diabo, continuou Sherlock Holmes. Porque razão teria Augustin sublinhado o nome de Mauricio? Ele proprio o explicará quando chegar.

»Harry tens ahi o 8 de agosto?

— Aqui está, sr. Holmes.

O policia começou a folhear o *Journal* desse dia.

Lá estava a continuação do caso do desaparecimento de Jacques Girardin.

A noticia dizia que nenhuma pista fora descoberta ainda, e como o dinheiro tambem não tinha aparecido, mais visos de realidade tomava hipotese de que o empregado tivesse praticado um roubo.

Telegrafavam de Havre que tinha sido visto ali um homem com os sinais de Girardin.

A policia d'aquella cidade recebera instruções para averiguar com segurança a identidade do individuo em questão.

De resto, a todos os portos francezes fora comunicada ordem de prisão para todo aquele que tentasse embarcar e cujos sinais coincidissem com os do suposto criminoso.

Sherlock Holmes poz de parte o *Journal*,

Depois encostou-se na poltrona e semicerrou so olho. Reflectia.

— Sempre a eterna historia, murmurou ele. Quando se dá um crime, as atenções da policia voltam-se immediatamente para uma determinada pessoa.

«Admitem-se todas as hipoteses que possam vir confirmar esta suspeita, tudo serve nesse caso para atear o incendio.

«Com que provas se podia contudo afirmar que Girardin ivesse fugido com o dinheiro? Primeiro era preciso demonstrar que ele tivesse partido de Paris, e depois, que razões teria um homem na idade de Girardin para roubar de repente, sem mais nem menos, 500.000 francos?

«Esse homem tinha um filho querido, tinha a sua casa, . . . Deixa-los-hia assim de repente?

«Em todo o caso, a policia de Paris foi bastante imprudente nesta diligencia.

«Devia ter dirigido as suas vistas para outros lados. Devia ter perguntado a si propria: a quem seria possivel assassinar Girardin com o intuito de o roubar?

«Não era a primeira vez que succedia ser um empregado de um Banco atrahido a uma cilada, e assassinado depois de lhe ter sido roubado o dinheiro.»

Sherlock Holmes abriu novamente o *Journal* e foi passando a vista pelas paginas seguintes.

Esperava encontrar ainda alguma coisa sobre o caso Girardin.

Nada encontrou porém. Estavam documentados todos os acontecimentos do dia 8 e nada mais.

Um grande incendio na rua Poissoniere, um choque de carruagens, em que fora victima um homem, em arrombamento na loja de um ourives do Boulevard dos Italianos e . . . o artigo seguinte.

— Ah! cá temos um artigo comprido, exclamou o criminalista, parece-me que não deve deixar de ser interessante.

»E' verdade que não tem nada que ver com o caso Girardin, mas intitula-se: *Assassinato de um trapeiro*. Vamos a vêr o que é isto.»

E Holmes leu o seguinte, escrito no estilo incolor dos relatorios dos officias.

«Quando esta manhã o policia Fadinard passava

pelo Boulevard Haussmann, reparou n'um corpo humano cahido sobre um monte de lixo.

«O agente supoz que se tratava de um ebrio e curvou-se para o ajudar a levantar.

«Só então notou que tinha um cadaver na sua frente, e não escapou ao agente que esse homem fôra victima de uma violencia.

«O rosto estava coberto de sangue e o craneo despedaçado. Mal podiam reconhecer-se os traços phisionomicos.

«Imediatamente se juntaram algumas pessoas no local, e o policia mandou participar o seu funebre achado á esquadra proxima.

«O cadaver foi transportado para ali e mais tarde para a perfeitura.

«Reconheceu-se que se tratava de um trapeiro muito conhecido nos arrebaldes pelo nome de tio Carousse.

«Não foi possivel averiguar se é esse o verdadeiro nome do assassinado. Toda a gente porém o conhecia pelo acima referido.

«O tio Carosse entregava-se habitualmente á embriaguez. Morava n'um subterraneo da rua Planche, do qual fazia quarto de dormir o deposito de trapos.

«Os peritos constataram que na morte devia ter se dado meia hora antes de ser encontrado o cadaver.

«A morte fora com effeito causada pela destruição da caixa cranea. O instrumento do crime foi encontrado no local.

«Era um bengala de que o proprio Carousse costumava servir-se para remexer os montes de lixo.

«Na ponta de ferro d'esta bengala constatarom os peritos a presença de sangue e d'alguns cabellos brancos pertencentes ao trapeiro.

«Como Carousse era muito pobre, não poude admitir-se o roubo como mobil do crime. Supõe-se que, no estado de embriaguez em que se encontrava, tivesse tido uma discussão com qualquer transeunte, e tenha sido victima d'este ultimo.

«E' uma historia banal, murmurou Sherlock Holmes encostando a cabeça ás mãos. O que é extraordinario é que este facto se tenha passa n'uma rua aristocratica.

«E' verdade que ás cinco horas da manhã não devia esta rua ser muito frequentada, mas os habitantes deviam ter despertado ao ruido de qualquer discussão violenta.

«Ah! um adiamento, exclamou Sherlock Holmes. E' ainda a letra de Augustin.»

«*Achado importante.* Nas primeiras horas da manhã apresentou-se na perfeitura a vendedeira de leite Sinette, depositando uma nota de mil francos que declarou ter encontrado no Boulevard Haussmann, vinte passos distante do local onde foi descoberto o cadaver do tio Larousse.

«A nota do Banco fora evidentemente pisada e estava deteriorada e coberta de lama.

O policia começou a assobiar devagarinho.

—Queira desculpar, sr. bibliotecario, exclamou ele

de repente. Esquecera-me que estava na sua presença...

—Oh, sr, Holmes, faça favor de estar á sua vontade.

—Não sei se sabe, continuou o criminalista que só assobio quando encontro uma ideia aproveitavel.

Holmes levantou-se e começou a passear na sala, falando consigo mesmo, mas tão devagar que nem Taxon nem o bibliotecario percebiam palavra.

—Vinte passos distante do monte de lixo onde foi assassinado o tio Carousse encontrou-se uma nota do banco.

«Esta nota era de mil francos.

«Ora o filho de Girardin disse-me que a quantia confiada ao seu pae constava de quinhentas notas de mil francos. E as pessoas que perdem uma nota de mil francos costumam immediatamente dar parte do facto na policia.

«De sorte que, ao que parece ninguém se importou com esta nota.

«Quem pode deixar de se importar com uma nota do banco que perdeu?

«Só a pessoa que a adquiriu irregularmente.

«E' pois evidente que o individuo que perdeu essa nota proximo de local do crime não tinha a consciencia tranquila.

«Bem. Parece-me que tudo se vae aclarando. Como por encanto estabeleceu-se uma ligação entre dois factos, que a principio nada pareciam ter um com o outro.»

—Sr. Holmes, muito bons dias...

O agente Augustin acabára de entrar na sala e dirigia-se sorrindo para o criminalista.

Sherlock Holmes contudo parecia não reparar nele.

O seu olhar, até então fixo num ponto do chão começou a vaguear pela sala.

—O tio Carousse era um trapeiro, continuou ele no seu monologo. O que faz um trapeiro, remexe o lixo que encontra pelas ruas.

—Sr. Holmes! Então não fala ao seu velho amigo Augustin? Dá-me licença...

—Não dou licença para coisa alguma disse o policia bruscamente, continuando a murmurar consigo:

«O tio Carousse foi assassinado naquela madrugada, e o facto de lhe ter sido encontrada a bengala prova que se encontrava no exercicio das suas funções... que remechia o lixo do Boulevard...

—Mas senhor Holmes, que mal lhe fiz eu para se não dignar sequer deitar-me os olhos?...

—... Remechia o lixo do Boulevard, continuou o policia com energia, e nesse lixo podia muifo bem ter feito qualquer achado importante.

«Por exemplo: uma nota de mil francos. Qual? Nesse caso não teria largado mais...»

«Quem sabe? Talvez o envolvero que continha essa nota.

«Talvez... talvez...»

—Pelo amor de Deus, sr. Sherlock Holmes! disse Augustin.

E depois dirigindo-se a Taxon:
—Estará o mestre docente?

—Pelo contrario, respondeu Harry, nunca o sr. Holmes esteve mais lucido do que neste momento. . .

«Estou convencido que acaba de fazer uma grande descoberta.»

— Talvez uma carteira! exclamou de repente Sherlock Holmes com voz trovejante. Supunhamos uma carteira, e que nessa carteira se não encontrava uma só nota de mil francos, mas muitas. . . Supunhamos; quinhentas notas de mil francos. . .

«Supunhamos ainda que essa carteira pertencia á firma Bontou, que Girardin se tivesse desfeito dela. Mas não, é impossivel. Se ele tivesse querido roubar o dinheiro, fugia com ele, em vez de o atirar fóra.»

«Outro a terá atirado, outro, que cobiou primeiro a carteira, mas não quiz depois utilisar-se dela.»

«Outro, que talvez tomado de horror ao ver esse objecto, ao sentir o pezo da consciencia, outro arrependido de ter procedido mal, de ter. . . ah! Augustin! Augustin! meu amigo, então como vae isso? Venha da lá esse cordeal aperto de mão, que bastante prazer me dá tornar a ve-lo agora. . .»

«E aproveite a occasião para lhe dar uma novida de, embora o facto a qua ela se refere a tenha passado ha cinco anos a esta parte.»

«Augustin, continuou Holmes, baixando gradualmente a voz, a poisando as mãos nos hombros do agente; Augustin, sabe porque motivo foi assassinado em 8 de Agosto de 19. . . o trapeiro Carouse? . . .»

«Para o roubarem, Augustin; para lhe tirarem aqueles 500.000 francos, por causa dos quaes o empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, um homem de caracter em toda a acção da palavra fora nessa noite assassinado por um desconhecido. . .»

—Que extraordinária hipotese, sr. Holmes!

—Tem razão, por hora não passa de uma hipotese respondeu sorrindo o policia, mas pode estar descançado que eu a demonstrarei.

«Eu provarei que o tio Carouse e e Jacques Girardin foram ambos assassinados por causa desse meio milhão. . .»

Uma formosura parisiense

—Tenha a bondade de entregar o meu cartão á senhora.

Um homem elegantemente vestido, de suissas loiras, entregou um cartão de visita a uma criada, que desapareceu immediatamente atrás do reposteiro.

Esta scena passava-se á porta de um elegante palacete dos Campos Elisios, na rua do Jardin, 73.

Era casa de Mauricio Bontou, ha mais de um ano habitada só por Madame Bontou.

A criada entrou no «boudoir» da senhora que

terminava precisamente a sua «toilette», e entregou-lhe o bilhete de visita.

—O coronel Lincoln? Não conheço ninguem com este nome, disse a dona da casa, uma elegante e formosissima mulher de cabelos doirados, amarrotando o bilhete entre os dedos. Que deseja de mim o senhor coronel?

—Não sei, minha senhora. Ele diz que precisa va falar a V. Ex.^a.

—E' velho ou novo?

—Hum. . . Talvez 40 anos. E' possivel até que seja mais novo. E' um inglês com aspecto muito distinto.

—Então mande entrar.

Lola Bontou olhou-se ainda uma vez ao espelho, e passou rapidamente as mãos pelo cabelo. Teve um gesto satisfeito.

A sua figura magestosa de Juno deixava-se adivinhar na vaporosa matiné azul celeste que lhe caía até aos pés.

O seu cabelo tinha aquella côr fulva com que Ticiano emoldurava os seus rostos de mulher.

Em suma, possuia todos os encantos, todas as seduções com que uma mulher pode fazer perder a cabeça ao homem mais-sensato.

Em cada movimento, em cada gesto seu, havia graça e havia orgulho, e a maneira como entrou no aposento onde esperava o coronel Lincoln provava que ella sabia muito bem não ser apenas a mulher de Mauricio Bontou, mas ainda uma das mais celebres formosuras de Paris.

Lola ficou um instante á entrada da sala, olhando para a visita que lhe fóra annunciada. O coronel vestia á paisana, com elegancia rara, vendo-se em cada pormenor, que estava habituado a pisar os primeiros salões.

—O sr. coronel Lincoln? perguntou Lola aproximando-se.

—Um creado de V. Ex.^a, respondeu o coronel inclinando-se profundamente. Tenho sem duvida o prazer e a honra de me estar dirigindo á madame Lola Bontou. . .»

—Eu propria.

—Nesse caso permita-me que lhe apresente cumprimentos da parte de seu esposo.

Lola teve um estremecimento imperceptivel.

Depois, ergueu graciosamente a cabeça e perguntou:

—Pois o senhor coronel esteve com meu marido?

—Ainda ha quinze dias nos sentavamos ámbos na esplanada do Hotel Royal do Cairo, contemplando as aguas do Nilo. . . Pensavamos na bela capital de França. . . O sr. Contou pensava porém antes de tudo na sua querida esposa, e dizia-me:

«O sr. vae partir brevemente para Paris. Não deixe de visitar minha esposa, e diga-lhe que são pa- ra ella todos os meus pensamentos. Apresente-lhe os meus cumprimentos, e estou convencido que ella lhe ficará muito grata por isso.»

A' medida que o coronel ia falando observava com

olhar agudíssimo o rosto da sua formosa interlocutora. Era especialmente o lado esquerdo do lindo colo que lhe despertava maior atenção, como se quizesse descobrir ali a palpação quasi imperceptível de uma arteria. . .

Não lhe escapava igualmente o seio, e a regularidade do movimento respiratorio.

Mas nada notou de extraordinario.

Com um sorriso gracioso, Lola estendeu a mão para o inglez, dizendo:

—Tenho imenso prazer em conhece-lo, sr. coronel. Sou-lhe efictivamente muito grata por me trazer noticias de meu marido. Como está ele? E' melhor o seu estado de saude? E quais são agora os seus planos de viagem? Não tencion'a ele agora regressar á pátria?

—Infelizmente ficará ainda algum tempo longe de Paris, respondeu Lincoln, Apezar de sentir-se bem de saude. . . Dá-se maravilhosamente bem com o clima do Cairo.

«Quando estivemos juntos, pensava ele em fazer uma viagem de barco até Assuan, para visitar as cataratas do Nilo.

«Não pude deixar de aplaudir a ideia, porque já fizera eu proprio essa mesma viagem, e é encantadora. . .

—Quanto tempo ficará agora em Paris, senhor coronel? perguntou Lola. Talvez seja indiscrição da minha parte perguntar-lhe se vem em viagem de recreio ou de negocios?

—Minha senhora, respondeu o coronel com um sorriso, passando a mão pelo queixo, é impossivel estar algum tempo em Paris sem que se trate de uma viagem de recreio. . . em todo o caso tenho tambem negocios a tratar aqui.

Não vim porém sósnio a Paris.

—Ah! Está acompanhado? perguntou Madame Bontou com interesse.

—Exactamente minha senhora. Em minha companhia veio tambem meu sobrinho, o Lord Harry Dunford.

—Como, senhor coronel? Pois já é feliz possuidor de um sobrinho? disse Madame Bontou, deixando ver duas filas de dentes brancos como marfim. Mas o senhor parece estar numa idade em que. . .

—Perdão, minha senhora, devo dizer-lhe que meu sobrinho tem apen's dezasseis anos. . .

«E' filho de minha defunta irmã, a qual era casada com Lord Dunford.

«Infelizmente o Lord morreu ha pouco tempo, e por isso meu sobrinho entrou na posse não só de uma fortuna que se eleve a muitos milhões mas tambem do titulo de seu pae.

—Então é um dos felizes deste mundo, seu sobrinho?

—E' verdade, minha senhora; e não é sómente possuidor de grande fortuna, como tambem é um rapaz muito interessante.

—E' uma pequena maravilha universal. . . Sabe, senhor coronel, que me aguçou a curiosidade de tal

forma, que não resisto á tentação de conhecer seu sobrinho. . .

—Estou ás suas ordens, minha senhora.

«Se mo permite tra-lo-hei comigo.

«Devo confessar que até lhe ficaria muito graso se quizesse occupar-se um pouco dele.

«Harry é, como lhe disse, um rapaz extremamente elegante e amavel, mas um pouco bisonho.

«E' o resultado da vida isolada que tem tido nas suas propriedades da Escocia.

«Especialmente com as senhoras é ele muito reservado, mesmo um tanto desastrado na maneira de tratar. . . V. Ex.^a compreende-m; meu sobrinho tem excellentes maneiras, mas as questões de galanteria que tão familiares são aos rapazes franceses, são-lhe completamente desconhecidas.

«Por isso mesmo o trouxe a Paris afim de o instalar em pensão elegante, onde deve passar seis mezes e aprender as subtilidades da vida franceza de sociedade.

«E' claro que só o entrego em casa de uma familia rica e aristocratica, para ficar descansando a seu respeito.

Madame Bontou parecia reflectir.

Reclinou-se no seu divan e semicerrou os olhos, em attitude pensativa.

—Então traga-me seu sobrinho, disse, depois de uma pequena pausa,

«Conheço muita gente elegante, e creio que me não será difficil fazer dele um francez completo.

«Tambem será interessante para mim occupar-me do joven Lord.

«E' preciso conhecer a escola da vida, e este método de educação chama-se em Paris. . . a escola das mulheres.

—Sou da mesma opinião, disse o coronel Lincoln.

«Permita-me pois que lhe apresente os meus cumprimentos e lhe beije a mão. . .

—Como, coronel! O senhor é inglez e contudo possui a galanteria franceza!

—Não esqueça, minha senhora, que tenho quarenta anos e andei muito tempo na escola da vida, que para mim não significa tambem outra coisa senão— a escola das mulheres.

O coronel Lincoln despediu-se e Lola Bontou encaminhou-se pensativa para o seu *boodoir*.

Estava nervosa.

O seio arfava-lhe violentamente, nos olhos um cláreo singular.

—Lá doido não é esse coronel, não, murmurou ella por fim. Cada palavra, cada gesto, deixam adivinhar nele uma natureza enérgica, um homem de intelligencia superior.

«O que não percebo é como elle pode vir trazer-me noticias de meu marido, que diz ter encontrado no Cairo. . .

Teria qualquer charlatão tomado o nome de Mauricio?

«Andará qualquer *escroc* viajando pelo mundo sob o nome Bontou?

«Lá que é possivel não ha duvida.

«Mas não. Suponho que encontrei o fio do mysterio. O coronel Lincoln queria travar relações comigo e valeu-se para isso de uma pequena experteza.

«Terme-hia visto no teatro?

«Ter-me-hia encontrado em qualquer *soirée*?

«Provavelmente não se lembrou de outro meio para entrar em minha casa, e valeu-se deste pretexto. «E' uma pequena mentira mas com consequencias más.

«Estas relações interessam-me.

«Antes de tudo preciso conhecer o joven Lord, esse maravilhoso rapaz que tantas riquezas possui.

«Nada. Preciso acabar com Paris. Esta vida começa a aborrecer-me.

«Não seria mau apparecer um dia em Londres, e representnr ali um grande papel na sociedade.

«Estes inglezes podem auxiliar-me bastante na execução deste projecto. . . .

Entretanto, o coronel Lincoln tomara um trem de praça e dirigia-se atravez das ruas de Paris para o Hotel Royal, instalado com todo o luxo e comodidades modernas.

—Agora fiquei-a conhecendo bem, murmurou Lincoln consigo.

«Teve um pequeno estremecimento, quando eu lhe disse que tinha estado com o marido no Cairo, que tinhamos conversado ambos. . .

«Ela sabe perfeitamente que é impossivel tal facto, visto que o marido não anda a viajar como todos supõem, e por consequencia se não pode encontrar seja com quem fôr.

«Mas não ha duvida que parou excelentemente o golpe.

«Dominou-se bem, e, é preciso confessa-lo, possui uma presença extremamente agradável.

«De resto estou convencido que mordeu a isca, O pretexto pegou.

«O meu pequeno lord com a sua fortuna colossal fez com certeza grande impressão no seu espirito.

«Ela quer conhece-lo pessoalmente. Bem, assim será.

»Ou muito me engano, ou mais uma vez se vae confirmar a minha observação de que mulheres de mais de 24 anos tem uma predilecção decidida por mancebos dos 16 aos 18.»

A carruagem parou em frente do Hotel Royal.

O coronel Lincoln apeou-se,

O pessoal veio recebe-lo respeitosaente ao vestibulo.

O director do hotel acompanhou-o em pessoa até ao elevador que devia conduzi-lo ao primeiro andar.

Não admirava, porém, que trassem este hospede no Hotel Royal com tanta distincção.

O coronel Lincoln tinha, com seu sobrinho, tomado cinco aposentos esplendidamente mobilados no primeiro andar.

Todos os hoteis gostam de hospedar inglezes ricos. Quando um desses hospedes teem o titulo de Lord, então redobra-se de cuidado e de atenções, porque esse titulo é uma garantia para o hotel.

Todos os jornais de Paris noticiavam a presença dos illustres estrangeiros na grande capital: Lord Harry Douford e seu tio o coronel Lincoln.

Desde a vespera, o coronel não se tinha poupado a gorgetas.

Tinha, por assim dizer, semeado ouro em torno de si, e nada como o dinheiro pode provar em Paris uma categoria illustre.

O coronel tinha chegado ao primeiro andar.

Safu do elevator e entrou nos seus aposentos.

Um mancebo dos seus dezassete anos, elegantemente vestido, levantou-se ao vê-lo e dirigiu-se para ele com uma interrogação no olhar.

—Como estás? perguntou o coronel.

«Desculpa-me de chegar um pouco atrasado, mas esqueci-me completamente do tempo na presença de uma das mais elegantes e formosas mulheres de Paris.

Em seguida o coronel fechou a porta do quarto, aproximou-se do mancebo e bateu-lhe familiarmente com a mão no hombro, murmurando em voz baixa:

—Harry, creio que a coisa arranja-se. Agora o caminho é para a frente, e haremos de vencer.

«Já falei de ti a madame Bontou, e ela manifestou o mais vivo desejo de te conhecer.

«Esta noite ha recepção em casa dela.

«Seremos pontuaes.

«Agora trata-se de representares bem o teu papel e a victoria será nossa.

Harry começou a rir.

—Suponho que não terei grandes difficuldades em representar esse papel. Fazer a côrte a uma mulher nova e formosa, aqui está uma tarefa bem agradável, e hei de cumpri-la com o maior prazer, mestre.

Ao escutar estas palavras, o policia encarou-o com seriedade.

O leitor adivinhou já, por certo, que o coronel Lincoln não era outro senão Sherlock Holmes, e que o seu pretendido sobrinho Lord Harry Dunford não passava de ser o seu fiel discipulo Harry Taxon.

Holmes abanou, pois, a sua cabeça com ar pensativo e disse:

—Escuta, Harry. Sei que és um rapaz esperto e por muitas vezes me tens prestado grandes serviços.

Esta vez, porém, o caso é mais serio.

E' como que o baptismo do fogo.

«Vou por-te em relações com uma mulher nova e extremamente formosa.

«Tem seducções extraordinarias, essa mulher, mas possui um dos caracteres mais repelentes que tenho conhecido. E' este ultimo facto que nos interessa E uma mulher de cabelos fulvos—uma fera disposta a despedaçar a tua alma, se por acaso não tomares cuidado.

«Sabes bem o que tens a fazer junto desta mulher. Já te expliquei o teu papel e espero que o representes bem. Mas acautela-te não te deixes prender pelo encanto. Agora, excusas de me dizer nada: nestas coisas tenho mais experiencia que tu. Ainda não tens dezoito anos, estás numa idade muito perigosa. . . . concluiu Sherlock Holmes, rindo.

—Sr. Holmes! exclamou Harry Taxon formalizado. Não sei como possa desconfiar de mim. Já se enganou alguma vez a meu respeito?

«Diga-me que é preciso atirar-me á agua e atirar-me-hei á agua, diga-me que é preciso atravessar o fogo e fa-lo-hei sem hesitar. Da agua saírei molhado; do fogo, com algumas queimaduras, e pronto. Supõe porventura que, por ser a primeira vez que desempenho um papel junto de uma mulher formosa, hei de, forçosamente, dar logo parte de fraco?..»

—De maneira nenhuma, respondeu o policia com um sorriso. Faça o melhor conceito a teu respeito. Mas assim como naturalmente saírias molhado da agua, assim voltarás tambem apaixonado de junto dessa mulher. Harry, não te esqueças da minha prevenção! Trata de colocar uma couraça de aço em torno do teu coração e não te deixes dominar pelos sentidos... Lola Bontou ha de empregar toda a sua arte para te seduzir, ha-de fazer tudo o que é possível a uma mulher daquela natureza. Toma cautela! E' preciso que finjas caír no laço, mas lembra-te sempre da tua missão, e não te saia um instante do pensamento o que é essa criatura. Entre ti e ela ha um abismo tão grande como o que separa o Bem do Mal. Dá-me a tua mão, meu rapaz, e promete-me que não te deixarás vencer e que seguirás á risca as minhas instruções, sem a mais pequena hesitação!

—Mestre, prometo-lho com todas as forças da minha alma! exclamou Harry Taxon apertando calorosamente as mãos de Sherlock Holmes.

O policia aproximou-se da janela e olhou distraidamente para o *boulevard*.

—Aqui está uma promessa, murmurava ele consigo, que muitos rapazes novos e de caracter tem feito, para faltarem depois a ela na primeira ocasião... Tenhamos porém confiança em Harry Taxon!

O pequeno Lord

Três dias tinham decorrido sobre esta conversação.

O coronel Lincoln e seu sobrinho o Lord Harry Dunford tinham sido convidados para jantar em casa de Lola Bontou. Nestes três dias, os dois ingleses tinham frequentado assiduamente aquella casa, e desenvolvera-se entre elles e Madame Bontou uma especie de amizade que parecia fundar-se nas bases solidas de grande simpatia mutua.

Ao champanhe, entre outros assuntos, falou-se de um livro celebre, e o coronel Lincoln, dirigindo-se ao sobrinho, disse-lhe:

—Queres ter a amabilidade de ir buscar esse livro á biblioteca de Madame Bontou?

«V. Ex.^a permite, não é verdade?..»

Madame Bontou que percebeu a intenção do coronel de afastar o lord por alguns momentos, respondeu imediatamente:

—Toda a minha biblioteca está á sua disposição. Vá, Lord, vá, e examine as preciosidades bibliogra-

ficas que ali se encontram. Colecione-as com amor, e orgulho-me verdadeiramente de possui-las...»

—E eu invejo esses volumes, minha senhora, respondeu Harry.

—Inveja os meu livros? perguntou Lola rindo. Porquê?

—Porque esses livros tem a ventura de ser lidos pela graça dos seus olhos, de ser tocados pelos seus dedos, respondeu o Lord.

—Ah! exclamou Madame Bontou agradavelmente surpreendida. Mas lord Dunford sabe ser galante como um francês... E dizia-me o coronel que ele era um pouco bisonho...»

O Lord retirou-se.

O coronel inclinou-se para Madame Bontou e disse-lhe em voz baixa:

—Confesso-me imensamente grato a V. Ex.^a pelo amavel acolhimento que tem feito a meu sobrinho. Na realidade, era difficil supor como é deliciosa a hospitalidade que se encontra em casa de V. Ex.^a... Gostaria de corresponder a ela, e considerar-me-lha muito feliz se pudesse um dia ter a subida honra de receber V. Ex.^a no castelo Dunford...»

—Mas decerto, decerto! acudiu Lola. Ainda este verão lá irei...»

«Mas diga-me, coronel. Sei que tem alguma coisa a confiar-me. Não me passou despercebida sua intenção de afastar Lord Harry Dunford deste aposento e concluo daí que pretende dizer-me alguma cousa na sua ausencia...»

—Com effeito, minha senhora, respondeu Lincoln. Mas hesito em formular o meu pedido, que pôde parecer-lhe usado de mais...»

—Diga, diga, atalhou Madame Bontou. Estou com todo o prazer á sua disposição.

—Nesse caso faça obsequio de lêr este telegrama que acabo de receber de Londres.

O coronel apresentou um telegrama que tirou da carteira.

—E' do meu advogado, continuou ele. Participa-me que na questão da herança de meu sobrinho appareceram algumas irregularidades para resolver as quais é absolutamente indispensavel a minha presença em Inglaterra. Ainda nada disse a lord Dunford a respeito do telegrama. Comuniquei-lhe apenas que tenho de ausentar-me por alguns dias. Mas preocupa-me bastante a idéa de ter de deixa-lo em Paris... Imagine V. Ex.^a, meu sobrinho ainda não tem dezoito anos...»

«Ora, como sabe, é um perigo ficar só, com dezasete anos, nesta imensidade.

«Eu sei quanto posso confiar nele. Conheço-lhe os sentimentos e o caracter, e não creio que ele pertença ao numero daqueles que começam a fazer leviandades mal se encontram á vontade. Contudo, gostava de o deixar entregue a uma pessoa de confiança.

«Que fazer, neste caso?

—E' bem simples, respondeu Madame Bontou.

Ao falso coronel Lincoln não passou desaperechida

a agitação com que Lola acudiu com estas palavras.

— A minha casa é grande, continuou ela. Confie-me o joven Lord.

«Mandar-lhe-hei preparar os aposentos no quarto superior.

«Se quer ter a amabilidade de me confiar seu sobrinho, pode estar certo, coronel, que o encontrará no seu regresso tal qual como quando partiu.

Lola sorria de um modo singular ao pronunciar estas palavras.

— Estou convencido disso, respondeu o coronel.

«Sei que posso confiar-lhe Harry como a uma amiga velha—perdão! Na idade de V. Ex.^a não é licito empregar ainda a expressão consagrada de velha amiga. . .

«Mas em todo o caso, possui V. Ex.^a a experiência e o trato de uma senhora casada, e eis o que me faz ficar descançado.

— Aceita pois a minha proposta, e vai confiar-me o Lord durante a sua ausencia, não é verdade? . . .

— Beijo-lhe reconhecidamente as mãos, minha senhora, e participar imediatamente a meu sobrinho que faça transportar para aqui todos os objectos necessarios para uma permanencia de três ou quatro dias. A minha ausencia não irá além desse praso.

— E quando parte?

— Hoje mesmo no expresso de Havre, de forma que possa tomar amanhã o paquete para New Haven.

Harry voltou neste momento da biblioteca.

Trazia na mão o desejado livro, que entregou ao coronel Lincoln.

— Uma grande novidade, meu Lord, exclamou Lola Bontou, fixando Harry com expressão singular.

«Sabe que vai ser meu filho adoptivo durante alguns dias?

Harry olhando admirado para Madame Bontou e para o coronel,

A sua surpresa foi tudo bem simulada, que Lola desatou a rir, exclamando:

— Veja, coronel, como ele está comovido. Então não me quer para sua mamã? Tem por acaso medo de mim?

— Que quer dizer isto? perguntou Harry.

— Quer dizer, meu filho, respondeu tranquilamente Lincoln, que vou partir hoje para Londres, como já tive occasião de te dizer.

«Tenho que resolver ali negocios urgentes,

«Durante a minha ausencia e devido á gentileza de Madame Bontou, ficarás como hospede nesta casa.

— E' certo? disse Harry com voz tremula de alegria. Que felicidade, Madame! Por mim de boa vontade ficarei eternamente junto de V. Ex.^a

Harry corou, e Lola envolveu-o num olhar cheio de meiguice.

— Bem, então fica combinado, exclamou Madame Bontou.

«O meu pequeno Lord fica comigo, e o sr. coronel Lincoln mandar-lhe-ha do hotel tudo aquilo de que precisar para alguns dias.

«Vou dar instrucções á minha criada de quarto; pois quero que nada lhe falte em minha casa.

Lola levantou-se e pôs-lhe as mãos nos ombros de Harry.

— Agora espero que se ha-de portar muito bem e não ha-de ralar a sua mamãsinha.

«O tio coronel ficará muito zangado se á volta de Londres soubesse que não tinha sido meu amigo.

— Oh! madame. Creia que não terá razões de queixa contra mim. Horrорisa-me a idéa de ficar sósinho no hotel, no meio de gente completamente estranha, e assim não tenho senão regosijar-me com o facto de ficar em sua casa.

— Bem, exclamou Lola. Estou convencida que havemos de dar-nos ás mil maravilhas.

«Agora desculpem-me alguns minutos. Daqui a pouco voltarei.

Lola saíu, deixando ambos sós na sala de jantar. Harry ia falar mas leu uma proibiçã nos olhos de Sherlock Holmes.

Então o policia começou a mover rapidamente os dedos, e começou entre eles uma conversação de surdos mudos, de que se serviam sempre que tinham receio de serem escutados.

— E' preciso entendermo-nos, assim diziam os gestos de Sherlock Holmes. Quem sabe se ela ficou á escuta atraz da porta. Cautela.

— Talvez espreeite pela fechadura.

— Não: coloquei previamente uma rolhinha no buraco, disseram os dedos de Taxon. Eu sabia que iam os ficar sós durante alguns minutos.

«Então a «coisa» deu resultado. Fico alguns dias aqui. . .

— Sim, e espero que aproveites o tempo.

Antes de tudo, abre a gaveta da secretaria.

«Tens chaves falsas contigo toda a ferramenta dos gatusos. . .

«Examina cuidadosamente os papeis.

«Tudo o que encontrares que diga respeito ao passado (dela, leva para o teu quarto, copia *ipsis verbis*, ou, caso não tenhas tempo, guarda o original.

— Fica no Hotel Royal, mestre?

— Não, moro como o nome de Walter Raleigh na «Hospedaria do sol», rua de S. Martin, 93.

— Quer que vá procura-lo lá hoje?

— Se eu precisas falar-te, encontrarei maneira de o fazer sob qualquer disfarce.

«Ainda uma vez te previno. Toma cautela, estás, metido com uma creatura da peor especie.

«A mulher é capaz de tudo—de um assassinato até.

«Pronto. Aí vem ela, concluiu Sherlock Holmes com alguns sinaes.

E, falando em voz alta, continuou:

— E' claro que telegrafarei de Londres logo que ali chegar.

— De resto, prometo-te que a minha ausencia não irá além de quatro dias, pois o negocio resolver-se-há depressa.

Neste momento, a porta abriu-se e Lola entrou no aposento

— Está tudo em ordem, disse ela sorrindo. Quando quiser, meu Lord, pode ir vêr os seus quartos, onde ficará enquanto seu tio se demorar em Inglaterra.

— Se me dá licença, minha senhora, despeço-me já de V. Ex^a. Tenho ainda de despachar alguma correspondência urgente antes de partir. . .

«Permita-me que ainda uma vez lhe agradeça do fundo do meu coração e sua boa hospitalidade, e a gentileza com que acolheu men sobrinho.

Holmes levou galantemente aos lábios a mão de Lola.

Em seguida abraçou Harry.

Adeus, meu filho, e espero ter boas informações tuas quando voltar.

«Sei que és um excelente rapaz, e antes de tudo ficas entregue nas mãos de uma senhora que te estima bastante.

Adeus, meu tio! Faça os meus cumprimentos á linda capital de Inglaterra.

— Queres que diga a Londres que a visitarás em breve? disse já da porta o coronel, rindo.

— Não, isso não. Paris é ainda cem vezes mais bela do que Londres.

— Sim?

— Com certeza, respondeu Harry, visto que Paris possui Madame Bontou, e Londres não se pode gabar de outro tanto.

O coronel ameaçou o sobrinho amigavelmente com o dedo, e Lola deu uma pequena gargalhada de satisfação.

— Minutos depois Sherlock Holmes encontrava-se na rua e murmurava entre dentes:

— Se o meu rapaz tiver juizo e se não se deixar embalar nos cantos da sereia de cabelos dourados, então não hão de tardar muitos dias que eu não saiba quem é e de onde veio Madame Bontou, assim como se descobrirá também o paradeiro do marido. . .

* * *

Era noite.

Harry ficava no quarto que lhe destinara a sua formosa hospedeira,

Até as 11 horas tinha^m conversado ambos, e Lola empregára todos os recursos da sua sedução para se tornar senhora d'aquelle coração adolescente.

Tinham estado longo tempo sentados no balcão que dava para o jardim.

As flôres exalavam um perfume entontecedor; a lta brilhava no ceu, e sobre a meza que tinham na sua frente, uma terrina de cristal cheia de Champagne com ananaz misturava o seu perfume com o das flores.

O balcão estava decorado com plantas exóticas, com palmeiras cujos ramos formavam como que uma abobada sobre as cabeças de ambos.

Com effeito! Era preciso realmente ter muita energia e força moral para fugir ao encanto, e dizer com sigilo as palavras que Harry constantemente repetia *mente*:

— Não enfraqueças. . . Estás no exercicio das tuas funções. . .

Sim, ella tinha-lhe falado longamente, meigamente, com a ternura de que é capaz uma mulher bella quando pretende conquistar o coração de um homem.

Tinha-se aproximado d'ele gradualmente, tinha-lhe pousado com familiaridade as mãos nos hombros, tinha-lhe acariciado os cabelos, chamando-lhe a attenção para o firmamento constelado, tinha-lhe falado da curta duração da vida, que dá ao homem o direito de gosar a felicidade onde quer que a encontre. . .

— A vida é curta, murmurava-lhe ella ao ouvido, e os prazeres são poucos. E' preciso não os deixar fugir. . .

Elle tinha-lhe enchido algumas vezes a taça, e elle acabara por sentir um vago desejo de sorver a enebriante bebida pelos labios della. . .

Por fim, Harry decidiu que era mais prudente afastar-se d'ali.

— Se fico mais alguns minutos, pensava elle, adeus minha vida! Perco toda a energia moral, cáio nos braços della e fico não só á mercê dos seus caprichos, como impossibilitado de comprehender o que tenho a fazer esta noite.

E, pretextando fadiga, declarou que ia retirar-se para o seu quarto.

— Sabe uma coisa, meu pequeno lord? Falar de fadiga quando se está comigo é offender-me. . .

— Não estou habituado a estar tanto tempo acordado, tornou Harry; meu tio quer que eu me deite sempre ás 10 horas, e já é meia noite. . .

— Tem razão, meu filho, disse de repente Lola em tom maternal, vá deita-se, vá. . .

— Boa noite, Madame!

— Boa noite, meu filho tornou ella rindo.

Lola deitou-lhe os braços admiravelmente torneados em volta do pescoço, beijou-o primeiro na testa, em seguida nos olhos, e por fim, com indizível ardencia, nos labios. . .

Harry estremeceu.

Viu então que profundo conhecimento tinha Sherlock Holmes do coração humano, quando lhe recomendou a maior prudencia.

Viu o perigo em que se encontrava, o perigo terrível que irradiava daquella extraordinaria mulher de belleza immortal, que pretendia faze-lo esquecer o seu dever.

Soltou-se-lhe bruscamente dos braços.

— Boa noite, disse elle córando até á raiz dos cabellos. Até amanhã. . .

E saiu rapidamente do balcão dirigindo-se ao seu quarto.

Lola seguiu-o com um olhar de profunda meiguice.

— Que lindo que é o pequeno, que labios deliciosos! murmurava ella. Ah! Seria este o primeiro homem que resistiria á minha sedução. . .

«Mas eu tentarei conquista-lo pouco a pouco. Seria tolice querer fazer tudo de uma vez. . .

«Não devo deixar escapar uma palavra ou um gesto que possa acordar nelle uma suspeita contra mim.

«Não. O melhor é enebriar-lhe pouco a pouco os sentidos, envenenar lentamente aquele peito com o veneno da paixão, até que ele venha por si cair-me aos pés, chorando e pedindo-me que o escute.

«Então será meu, o pequeno lord; então farei tudo aquilo que eu quizer.

«Entretanto é preciso arrumar todos os meus negócios em Paris.

«E' preciso enterrar aqui o meu segredo, quando eu partir com o pequeno.

«Esquecerei todo o meu passado, destruirei todas as provas dele, e para isso é indispensavel acabar com o homem que a estas horas ainda...

O seu pensamento ficou nesta reticencia, mas o seu olhar brilhava como o de uma fera.

— Ah! porque o deixei eu sair dos meus braços! continuou ella consigo, desfazendo o penteado e deixando cair livremente as suas tranças doiradas.

«Agora queria beija-lo, aperta-lo contra o meu peito...

«Mas, paciencia. Esperemos algum tempo ainda; o pequeno lord não será como tantos outros o meu amante, mas sim o meu marido...

«Lady Lola Dunford! Ah! como este nome soa bem, como farei carreira com este titulo! E quando penso na lama de onde saí, e quando me lembro da comédia que se representa na vida... ah! ah! que ridiculos que são os homens... ah! ah!...

Harry Taxon — o gatuno

Harry Taxon passeava impaciente no seu quarto.

Tinha aberto a janela e respirava agora o ar balsamico que se evolvava do jardim. O sangue corria-lhe tempestuosamente nas veias.

— Como me encontrará ele daqui a quatro dias, meu Deus! Holmes tinha razão. Foi um papel muito perigoso o que me distribuiu.

«Mas seja como fór, o meu dever é não envergonhar o mestre. Nunca!

«Para prova-lo; vou immediatamente encetar a minha tarefa.

«Que horas serão?

Consultando o relógio verificou que faltavam dez minutos para as duas.

Então despiu-se e tirou da mala que Sherlock Holmes lhe mandara do hotel o *fato sombrio*.

Era uma invenção do genial criminalista, e consistia num fato de malha negro, que cobria todo o corpo da cabeça aos pés, e tornava invisível na sombra qualquer pessoa que o vestisse.

Com este fato podia um homem mover-se durante a noite em rias escuras ou em quartos pouco iluminados, sem ter receio de ser observado, mesmo que passasse uma pessoa a cinco passos de distancia.

Harry vestiu pois o *fato sombrio*, que se ajustava perfectamente ao seu corpo.

Depois afivelou ao cinturão negro um saco da mes-

ma côr, dentro do qual se encontrava toda a ferramenta do bom gatuno: chaves-falsas, gazuas, pés de cabra, etc.

Por ultimo pegou na lanterna electrica, e achou-se equipado para dar começo á sua nova aventura.

A sua missão consistia em arrombar a secretaria no *boudoir* de Lola, e examinar os papeis que encontrasse.

Harry Taxon supunha que podia trabalhar á vontade nesse aposento, tanto mais que o quarto de dormir da dona da casa ficava separado do *boudoir* por três outros aposentos.

De resto, sabia deslizar ao longo das paredes com todo o cuidado, silencio e paciente como um pele vermelha.

Abriu cuidadosamente a porta e espreitou para o corredor.

Em casa reinava profundo silencio.

Toda a gente devia dormir áquela hora: os creados, no andar terreo, pouco o preocupavam, e Lola dormia decerto tambem—aquele corpo formosissimo reclinado em almofadas de seda...—dormia, e sonha porventura com ele...

Harry sabia bem que Lola se apaixonará por ele, tinha-o lido nos olhares ardentes d'essa noite.

Os seus beijos escaldavam-lhe os labios, e no seu peito havia ainda a impressão que ahi deixara o seio d'ela.

Desceu com as maiores precauções até ao primeiro andar, e abriu sem ruido a porta do quarto de vestir de Lola.

Alguns passos ainda, e encontrou-se em frente da secretaria de ébano, onde sem duvida Madame Bontou tinha guardados os seus segredos.

Harry experimentou as chaves falsas.

Depois de algumas tentativas infructiferas, a gaveta grande foi aberta sem difficuldade.

Harry nem sequer precisava servir-se da lanterna de furta fogo, pois o luar brilhava tão claro atravez da vidraça, que se podia mesmo ler á luz d'ele.

A primeira coisa que encontrou foi um masso de cartas de amor, que provavam a vida de dissipação e o caracter desleal de má esposa que possuia Lola Bontou.

N'essa gaveta não encontrou papel algum que esclarecesse o passado da formosa parisiense.

Harry não se impacientou.

Ele sabia bem que uma mulher como aquella não confiava sem mais nem menos um segredo de importancia á indiscrição de uma gaveta que podia esquecer aberta.

— Ahi devia haver qualquer compartimento secreto.

Começou a examinar o movel por todos os lados, mas não encontrou o que procurava.

De repente notou que as pernas da meza eram extraordinariamente grossas.

Lembrou-se de que já se tem enconrado papeis escondidos nas pernas dos moveis.

Acendeu immediatamente a lanterna furta-fogo, poz-

se de cócoras e examinou longamente a perna supeira.

D'aí a pouco descobriu um pequeno buraco disfarçado pela parte de dentro.

Não havia duvida que era uma fechadura. Mas foram baldados os esforços que empregou para a abrir com a gazua.

Durante vinte minutos não conseguiu o que desejava.

Por fim introduziu no orificio um arame de aço. Então a fechadura cedeu, e a perna abriu-se em duas, deixando ver o compartimento de segredo.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi uma caderneta velha e amarelada, que examinou logo á luz da lanterna.

Era extraordinario!

Na capa estava escrito: Livreite de matricula de Lola Carouse.

Por baixo havia um carimbo da policia.

Harry estremeceu.

Acabava de descobrir o segredo de Lola.

Ele sabia bem o que significava aquele livro.

Ele sabia que em posse de semelhantes objectos se escotram apenas as desgraçadas que, não só em Paris, como em todas as grandes cidades, vendem por dinheiro o seu amor, e estão sujeitas á vigilancia da policia e é fiscalisação dos medicos.

Folheando este livro constatou que Lola Carousse se apresentára regularmente á fiscalisação official e exercera durante algum tempo aquelle triste mister.

Lola—não provava esse nome que o livreite não estava ali por mero acaso? Não provava que provavelmente Lola Carousse e Lola Bontou eram identicas?

Harry concluiu immediatamente que Madame Bontou se chamara Lola Carousse antes do seu casamento, e não era por consequencia a filha de um coronel morto em Africa.

—Aqui está uma descoberta importante, murmurou ele. Não haverá ainda por aqui outro segredo?

Viu ainda algumas cartas sem importancia, escritas cinco anos antes á dona do livreite. Em todo o caso meteu-as no bolso, juntamente com o livreite.

Harry ia fechar o compartimento secreto, quando deparou com uma carteira grande de couro da Russia.

Estava velha e usada, mas devia ter sido um objecto de grande valor.

—Entregarei tambem esta carteira ao metre, pensou ele, e meteu-a no sacco, de companhia com o livreite e as cartas.

Em seguida fechou o segredo, verificou que não ficava no *boudoir* vestigio algum da sua passagem apagou a lanterna e preparou-se para sahir,

já já a estender a mão para a porta, quando esta se abriu de repente.

Harry deu um salto para traz, e serrou os dentes rara não saltar um grito.

Na sua frente, apenas revestida com uma camisa de renda, com os cabelos soltos sobre o corpo de ne-

ve, estava uma mulher, bela como ele nunca tinha sonhado:—Lola!

Mas o olhar d'essa mulher já não o fitava com o mesmo amor e o desejo de ha pouco.

Era um olhar de tigre, um olhar de odio e de rancor, onde faiscavam clarões de vingança.

—Ladrão! Ladrão! rugiu ela. Tinhas-te introduzido em minha casa para me roubares... supões que não tinha desconfiado do teu titulo pomposo? Felizmente cheguei a tempo de desmascarrar-te!

Dizendo estas palavras, carregou n'um botão electrico, e immediatamente uma campainha começou a vibrar no corredor.

—Os meus criados vão apparecer já. Não tarda que chamem a policia e sejas conduzido á prisão, acrescentou Lola

«Supunhas que eu estava dormindo, mas enganaste redondamente. Ninguém me apanha desprevenida com tanta facilidade...»

«Para traz, ou mata-te como um cão!»

Harry tinha feito um movimento para sahir.

No mesmo instante, um revolver brilhou nas mãos da mulher.

—Mãos no ar! ordenou ela com voz máscula. Levantas os braços, ou disparo immediatamente. Não imagines que são vãs ameaças, sei muito bem que tenho o direito de matar como um animal feroz todo o ladrão que se introduzir em minha casa para me roubar,

«Levanta as mãos, ou faço uso d'esse direito!»

Harry comprehendeu que era inútil resistir e ergueu resignadamente os braços.

No andar terreo do predio ia agora uma azafama enorme.

Os criados levantavam-se apressadamente.

—Daqui a alguns minutos estou *fiado*, pensou Harry.

«Que farei eu agora, preso como gatuno?»

Harry Taxon não pensava em si nem na semsaboria da sua situação,

Não era a prisão que o aterrorisava. O caso havia de esclarecer-se, pois estava ali no exercicio da sua profissão e por ordem do seu mestre e amigo.

Ora Serlock Holmes tomaria como sempre a responsabilidade da missão que lhe confiara, de forma que por esse lado estava completamente tranquilo.

Mas os objectos que encontrara no compartimento secreto, o livreite e a carteira, como conseguir fazer chegar ás mãos de Sherlock Holmes?

Como conseguir que não fossem de novo entregues a Lola Bontou, antes de terem sido examinados pelo mestre?

Neste ultimo caso todo o seu trabalho teria sido baldado, como baldado teria sido o excelente plano formulado por Holmes.

Não, era preciso evitar essa catastrophe.

De forma nenhuma deixaria ficar ali os preciosos objectos que encontrára.

Mas que fazer? Saltar pela janela?

Arriscar-se-hia a ficar despedaçado no passeio, pois a queda seria fatalmente mortal.

Todos estes pensamentos lhe atravessaram o cerebro em menos de um segundo.

De repente lembrou-se de se atirar a Madame Bontou, para tirar-lhe o revolver das mãos e abrir caminho á força.

—Para traz! gritou Lola, ao ver esse movimento. Para traz!

«Queres arrancar-me a arma; pois bem ahi tens o que mereces. . .»

Soaram três detonações.

A mulher acabara de disparar o revolver contra Harry Taxon.

Felizmente, as três balas foram-se cravar no teto do aposento, pois o mancebo tinha-lhe segurado a mão a tempo de desviar a pontaria.

Neste instante appareceram os creados, e Harry viu que nada mais podia fazer.

Uma ideia atravessou-lhe rapidamente o cerebro. Era preciso salvar os documentos custasse o que custasse,

Aproximou-se da janela, abriu-a de par em par, e gritou com toda a força dos seus pulmões:

—Socorro! Policial! Socorro!

«Ha ladrões em casa! Socorro!»

Olhando para a rua teve a agradável surpresa de ver dois agentes que passavam precisamente nessa occasião.

—E' uma esperteza de rato! gritou Lola aos creados,

«Já se viu alguma vez o proprio gatuno chamar pela policia?»

«O maroto quer simplesmente preparar a fuga, mas engana-se redondamente.»

«E' preciso gardar todas as portas, de forma a cortar-lhe a retirada, caso ele tente sahir!»

Mas não era essa a intenção de Harry.

Crusára os braços sobre o peito e encostára-se á janela, contemplando aquella scena com um sorriso nos labios.

Agora tinha desaparecido do seu espirito todo o encanto com que o influenciára aquella formosissima creatura. Não via nela mais que a criminosa, que a todo o custo era preciso desmascarar.

Os dois policiaes batiam precipitadamente á porta.

Os criados foram abrir, e conduziram-nos ao *boudoir* de Lola.

—Que se passou? disse um deles. Ouvimos gritos de socorro. . . parece-me que se tratava de um assalto dos gatunos. . .

—Muito obrigado por terem acudido immediatamente, meus senhores, disse Lola. Sou eu dona desta casa.

«Aquele homem introduziu-se aqui sob um nome falso, e tentou roubar-me esta noite.

«Surpreendi-o em flagrante, precisamente no momento em que ele ia arrombar a minha secretaria. E' possivel mesmo que a tenha arrombado».

—Está vestido de maneira muito singular, exclamou

um dos policiaes. Não traz senão um fato de malha preto!

—O que tem a responder á accusação desta senhora? perguntou o outro.

—Essa senhora tem carradas de razão, respondeu com fle gma Harry Taxon.

«Tentei rouba-la, e agora só peço que me conduzam á esquadra».

E' um gatuno singular, murmurou um dos agentes abanando a cabeça.

«Nunca vi nenhum ladrão pedir formalmente que o conduzam ao calabouço.

«Bem. Em nome da lei, está preso. Queira acompanhar-nos».

Os dois policiaes collocaram-se aos lados de Harry que não offereceu a menor resistencia.

—Alto! exclamou de repente Lola Bontou.

«Queiram ter a bondade de o revistar na minha presença. Tenho interesse em saber que objectos me foram roubados. . .»

—E eu protesto energicamente contra o facto de ser revistado neste local, interrompeu Taxon com energia.

«Prestar-me-hei de boa vontade na esquadra a essa formalidade.

«Estou no meu pleno direito. Só o senhor commissario de policia tem auctoridade para me revistar!»

—Lá nisso tem razão, respondeu um dos policiaes cõfiando a barba. Vamos leva-lo immediatamente á do commissario. Bem, vamos embora.

«Boa noite, minha senhora, queira dormir descansada; o homem está seguro, e com certeza que não lhe queria estar na pele. . .»

Desceram a escada, com Harry Taxon prudentemente agarrado pelos braços e encontraram-se em breve na rua.

Pelo caminho, o mancebo pensava no partido que podia tirar da sua situação.

Objectos de valor não lhe encontrariam decerto quando fosse revistado. O peor era o livrete e a carteira.

Esses objectos é que lhe seriam tirados immediatamente.

Que fazer? Declarar toda a verdade? Confessar que era o discipulo de Sherlock Holmes, e que se encontrava na execução das ordens do mestre?

Seria esse o meio mais simples.

Imediatamente appareceria Sherlock Holmes e explicaria os factos.

Mas Harry conhecia suficientemente o mestre para saber que enorme contrariedade esse facto não representaria para ele.

Entregar nas mãos da policia official um caso que tinha quasi completamente esclarecido á custa do proprio esforço!

Resolveu por isso calar-se a esperar pacientemente os acontecimentos.

Por fim Holmes saberia da tentativa de roubo em casa de madame Bontou, e elle resolveria o que havia de fazer.

O peor eram aqueles dias de prisão. mas Harry tinha a consciência tranquila, e a satisfação de ter cumprido o seu dever.

Finalmente foi conduzido á presença do commissario.

Os agentes relataram pormenorizadamente o caso, e o interrogatorio começou em tom severo:

— O nome?

— Não sei.

— Homem, você é capaz de afirmar que não conhece o seu nome?

«Percebo. Pretende representar um papel misterioso. Contudo, repito a pergunta: quem é e o que pretendia fazer em casa de madame Bontou?

— Não sei absolutamente nada, respondeu Harry Taxon.

«Faça de mim o que quiser, senhor commissario.

— Traz vestido um *fato sombrio*, murmurou o commissario. E' um novo invento de que se servem os gatuos para se introduzirem de noite nas casas que pretendem roubar.

«Parece que pertence á gatunagem da peor especie.

«Bem, amanhã será fotografado, e enviaremos o seu retrato a todas as auctoridades. Não tardaremos assim em saber quem é o «melro».

«Tirem-lhe o sacco que ele traz pendurado á cintura».

Os agentes cumpriram a ordem do commissario sem encontrar a mais pequena resistencia,

Foram colocando successivamente sobre a meza as gazuas, chaves falsas e limas em que consistia o conteúdo do sacco.

— Cá temos a ferramenta completamente, disse o commissario rindo.

«Bem, não precisamos de mais provas.

«Espera! Ainda ha aqui alguns objectos!

«Um livrete de matricula de uma desgraçada, poravelmente a amante do gatuno, e ainda... uma carteira velha, completamente vazia.

«Bem, conduzam-no ao calabouço.

«Amanhã o juiz de instrução encontrará meio de o fazer falar...»

Eis como Harry Taxon foi enclausurado nas prisões de Paris.

Conversação ao telefone

Sherlock Holmes abandonára o hotel onde se tinha instalado sob o nome de coronel Lincoln e desaparecera subitamente.

Agora, morava o celebre criminalista na rua de Sr. Martin na pequena casa de hospedes intitulada «Hospedaria do Sol», frequentada em regra por gente de baixa condição.

Chamava-se ali o sr. Raleigh, comerciante de Londres; vindo a Paris para tratar de negocios.

No dia seguinte, á meza do almoço, acabara de

acender o cachimbo e passava pela vista um jornal da manhã.

Mas apenas começara a ler, soltou uma exclamação de surpresa.

— Diabo! Não pode ser outra coisa... Harry Taxon foi prezo. Não me resta a menor duvida...

«O homem a quem se refere esta noticia não pode ser outro senão o meu discipulo.»

O artigo em questão referia-se a uma tentativa de roubo feita em casa de madame Lola Bontou na rua do Jardim.

«Parece, dizia o jornal, que este crime foi preparado com bastante antecedencia, visto que um *escroc*, sob o falso nome de coronel Lincoln—sou eu, murmurou Sherlock Holmes— se conseguiu introduzir nas relações da dona da casa.

«Pouco depois apresentou-se com o sobrinho, um joven inglez de excelente aspecto que se intitulava lord Dunford.

«O coronel Lincoln pediu a madame Bontou, pretexto de uma viagem de negocios a Londres, que desse hospitalidade a seu sobrinho, visto que o «esperançoso» rapaz conta apenas dezasseis ou dezassete anos.

«Essa senhora teve effectivamente a amabilidade de aceder ao pedido, e o pretendido lord hospedou-se hontem em sua casa.

«A primeira noite que ali ficou pretendeu o joven «aristocrata» intruduzir-se no *bouloir* da dona da casa, vestido com um fato de conhecido pelo nome de *fato sombrio*, afim de arrombar a secretaria.

«A tentativa porem, malogrou-se, pois madame Bontou, que alia a uma extraordinaria formosura uma coragem verdadeiramente rara, surpreendeu o gatuno em flagrante, e obrigou-o, de revolver em punho, a esperar a chegada da policia, que effectuou a prisão do criminoso.

«As auctoridades procuram activamente o cumplice que se intitulava coronel Lincoln, e é sem duvida o auctor do plano. Queira Deus que em breve fiquemos livres destes dois ladrões internacionais».

Sherlock Holmes poisou o jornal e sacudiu a cinza do cachimbo.

— Bem, murmurou ele sorrindo. As auctoridades procuram-no activamente... Vamos lá facilitar a tarefa da policia. pois sei perfeitamente que nunca me encontrará, se eu proprio não me apresentar...

«Senhor Meunier!»

O dono da casa appareceu acto continuo.

— A's suas ordens, sr, Raleigh. Que deseja?

— Ha telefone cá na casa?

— Sim senhor, no quarto continuo, á direita.

— Muito obrigado, respondeu Holmes levantando e dirigindo-se para a porta.

Daf a instantes, com o auscultador no ouvido, o policia falava, inclinado para o aparelho:

— Haló! Haló... Faça favor de ligar com a perfeitur... Está lá?... Muito obrigado. Quem fala?...

Faz o obsequio de chamar o agente Augustiu ao telefone... Sim senhor, eu espero. Queira dizer-lhe que

se trata de um negocio de grande importancia. . .

Holmes esperou um pouco, até que uma voz confusa lhe chegou aos ouvidos.

— Aqui perfeitura de policia, agente Augustin. Quem fala?

— Coronel Lincoln, respondeu Sherlock Holmes.

— Quem?

— Coronel Lincoln, um dos *escrocs* internacionais.

— Deixe-se de brincadeiras com a autoridade.

— Não é brincadeira, senhor Augustin. Tenha a bondade de vir imediatamente á «Hospedaria do Sol», na rua de St. Martin, e aqui encontrará o coronel Lincoln, hospedado sob o falso nome de Raleigh comerciante de Londres. . .

A campainha do telefone vibrou, como se Augustin quizesse despedaçar o aparelho.

Holmes voltou á sala de jantar, e chamou novamente o dono da casa.

— Traga-me um calice de vinho do Porto, e se algum vier procurar-me queira mandar entrar para aqui.

Não foi preciso esperar muito.

Uma carruagem parou em frente de hospedaria, e o agente Augustin, acompanhado por três policia, apoeu-se precipitadamente.

Os quatro homens irromperam no vestibulo, perguntando:

— Mora aqui o comerciante Raleigh, de Londres?

— Mora, sim senhor, respondeu o dono da casa, inquieto á vista da policia. Mas. . . ha alguma novidade?

«Está na sala de jantar a beber vinho do Porto. . .

— Tão á vontade? exclamou Augustin. Pois não lhe ha-de durar muito esse socego. . .

Então ordenou aos três agentes que esperassem ali, e não deixassem saír nem entrar ninguém.

Em seguida abriu violentamente a porta da sala de jantar.

Holmes estava sentado em frente do seu calice, com a cabeça propositadamente encostada ás mãos pois não queria ser imediatamente reconhecido.

Augustin entrou, poisou-lhe solenemente a mão no hombro e exclamou:

— Em nome da lei, coronel Lincoln, está preso!

— Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando a cabeça. Estou muito satisfeito comsigo. Não imagina quanto estimo de o ver aqui. . .

— Homem. . . Holmes, é o senhor!

— Em carne e osso!

— Então quiz apenas pregar-me uma partida, e atraír-me aqui para se rir á minha custa. . .

«E eu que supunha vir realizar a prisão do coronel Lincoln!

— O coronel Lincoln está na sua frente, respondeu Holmes, levantando-se e apertando cordealmente a mão do agente.

«Sou eu o coronel, e o gatuno que esta noite foi preso em flagrante delicto de arrombamento em casa de Madame Bontou, é apenas o meu discipulo Harry Taxon. . .

Augustin começou a perceber tudo.

Reflectiu um instante, e dirigiu-se á ante-camara ordenando aos seus agentes.

— Podem retirar-se. Não ha mais nada que fazer aqui.

«Sabe, meu caro Sherlock Holmes, continuou Augustin daí á pouco, que me pregou uma valente peça. Mas deixa-lo. Suspeito que tem qualquer dos seus planos extraordinarios com execução.

«De resto, como o rapaz da rua do Jardim não é outro senão o seu discipulo Harry Taxon, sempre lhe dou uma novidade que o deve interessar.

«Quando o prenderam, foram-lhe encontrados dois objectos, que são para nós absolutamente misteriosos.

— Sim? exclamou Holmes com interesse. E o que era?

— O livrete de matricula de uma mulher perdida.

«Esse livrete tem o nome de Lola Carousee.

Holmes abriu desmedidamente os olhos e ficou um momento silencioso.

— Lola Carousee, disse o meu amigo? Espere! Não se chamava Carousee aquele trapeiro que ha cinco na madrugada de 8 de Agosto, foi encontrado morto no boulevard Haussmann?

— Holmes, o senhor tem excelente memoria! Admiro-o tanto mais; quanto o facto a que se refere é profundamente exacto.

«Efectivamente o homem chamava-se Carousse e, como tive occasião de ver nos registos da policia, a filha dele, Lola, estava matriculada e exercia o seu desgraçado mister em Paris.

Holmes começou de repente a esfregar as mãos com uma pele vermelha no auge do contentamento, e assobiou devagarinho uma melodia conhecida.

— Havia ainda outra coisa na bolsa de Harry Taxon, continuou Augustin.

«Era uma carteira de coiro da Russia usada, de dimensões pouco vulgares, no forro da qual consegui ler, em letras de oiro meio apagadas, o nome de Bontou & Irmãos. . .

Sherlock Holmes deu um salto, precipitou-se sobre o agente e abraçou-o com effusão.

— O senhor é um homem precioso, Augustin, e as suas informações não se pagam com dinheiro nenhum.

«Lola Carousee, a mulher perdida, filha do trapeiro Carousee, e a carteira usada de coiro da Russia — Viva a velha Inglaterra mais a Republica Francesa! — está descoberto o misterio!

O prisioneiro

No mesmo dia em que tivera logar esta conversação na «Hospedaria do Sol», quando o sino de Notre Dame batia onze horas da noite, uma mulher envolta num amplo manto atravessava as vielas de Paris.

Era uma capa de vil preço, como era igualmente ordinario o pequeno chapéu, galantemente pousado sobre uma cabeleira fulva.

A mulher apressou o passo até chegar ao arrabalde de Batignolles, esse bairro parisiense onde a miséria vive a par do crime.

Em frente de uma casa de modestíssima aparência, parou. Olhou ainda prudentemente para todos os lados a vêr se não era observada, e entrou a porta, sem fazer ruído.

Como um fantasma, deslizou através do pateo, cheio de entulho e de lixo, e parou em frente de uma porta de ferro, que segundo as apparencias, conduzia ao subterraneo.

Então tirou uma chave da algibeira, tornou a olhar em volta e abriu resolutamente a porta.

No mesmo instante, de dentro de uma pipa encostada a um canto do pateo surgiu uma cabeça, e dois olhos claros onde brilhava um clarão de triumpho, seguiram a mulher, que accendia nesse momento uma pequena lanterna de furta-fogo.

Em seguida desceu alguns degraus de uma escada infecta, e parou quasi ao fundo.

No subterraneo havia montes de lixo e de cacos, ferros velhos, substancias em decomposição.

Ela levantou a lanterna de forma a iluminar a parede fronteira da subterraneo. Ouviu-se um tinir de cadeias de ferro e um rugido surdo como o de uma fera acorrentada.

—Filhinho! Filhinho! Ainda és vivo? segredou ironicamente a mulher, cujos cabelos fulvos apresentavam á luz da lanterna o aspecto de chamas.

«Meu pequeno Maurício. Dança mais um bocadinho... gosto tanto de vêr dançar os ursos...»

—Mulher! Mulher maldita! ouviu uma voz com expressão de horror.

Dir-se-hia uma criatura sobrenatural, um monstro sem forma humana que pronunciára aquelas palavras.

—Quero morrer, mulher! continuou a voz do subterraneo, quero morrer mas antes disso quero rasgar o teu corpo em pedaços, quero desfazer a tua carne fibra por fibra...

—Queres despedaçar o meu corpo, Mauriciosinho! ah! ah! Despedaça-te a ti mesmo com as unhas, filho; bate com a cabeça nessas paredes... Para que tiveste a imprudencia de descobrir o meu segredo? Para que quizeste meter-te na minha vida? para que me ameaçaste? para que tentaste traír-me?...

—Infame! Infame! rouquejou o vulto, erguendo-se do chão. Envenenaste a minha vida...

«Ha um ano! Não, não! ha dez anos com certeza que me tens preso a estas cadeias, que o teu amante, o ferreiro, me soldou aos pés. Foste tu que lh'o ordenaste. Sabe Deus se já te desfizeste tambem dele...»

—Estás doido! tornou a mulher.

«O ferreiro recebeu a paga do seu servico, e partiu para a America.»

«Que lá tenha morrido de febre amarela, não é culpa minha.»

«Mas hoje venho trazer-te de comer, continuou a infernal criatura.

«Toma! Á tens a ração... Apanha, homem; toma; deves ter fome...»

Tirou de sob o manto alguns pedaços de carne e arremeçou-os como faria um domador de feras,

O vulto de cabelos crescidos, cujo rosto medonho era agora fluminado em cheio pela luz da lanterna, precipitou-se ávidamente sobre os pedaços de carne, como o faria um cão esfaimado preso a uma corrente.

Havia muitos dias que lhe não tinham levado de comer.

—Devora! exclamou a mulher, rindo. Come filho... Hoje, o teu jantar foi a morte. Mauriciosinho, porque a carne estava envenenada...

Neste momento ouviu-se uma voz solene.

—Em nome da lei, Lola Bontou está presa como assassina.

«E' acusada de ter morto seu pai e seu marido.»

Lola voltou-se e soltou um grito terrível.

Na sua frente estava Sherlock Holmes, hirto, como a propria estatua da lei.

Atraz do celebre policia viam-se alguns agentes, que impediam completamente a safda.

—Perdida! Perdida! rugiu á mulher fulva.

Quiz recuar. De repente deu um passo em falso, e o seu corpo lindo de mulher rolou até ao fundo do subterraneo.

—Tenho-a! Tenho-a agora! ouviu o prisioneiro com satisfação selvagem.

Dum salto, o homem acorrentado precipitou-se sobre o corpo de Lola, e ergueu-o acima da cabeça com força sobre humana.

Lola quiz gritar, quiz ainda soltar-se daquelas garras a que a séde de vingança tinha dado a resistencia do aço, daquelas unhas que se lhe cravavam dolorosamente na carne.

Era tarde.

Antes que Sherlock Holmes e os agentes podessem impedi-lo disso, o homem arremessou o corpo com indizível furia contra o pavimento de granito.

O cráneo da mulher despedaçou-se de encontro ás lages, e as tranças louras jaziam agora no chão, banhadas num lago de sangue...

—O prisioneiro acaba de exercer a sua terrível vingança, disse Sherlock Holmes. A mulher perdida não pode já comparecer ante a justiça dos homens...

Esta scena passára-se no subterraneo onde cinco anos antes morava o tio Carousse.

Maurício Bontou foi immediatamente libertado das cadeias que o acorrentavam. Mas estava moribundo quando o trouxeram para o ar livre.

O infeliz teve apenas tempo sufficiente para contar a sua vida a Sherlock Holmes.

Na sua adolescencia, apertado pelas dividas, assassinara Jacques Girardin depois de o ter atraído a uma cilada.

Para evitar toda a suspeita de crime punyura o empregado a uma 'trave, afim de fazer purgar que

se tratava de um suicídio, e roubara a carteira com os 500:000 francos.

Depois vagueára toda a noite pelas ruas de Paris, e pouco antes da madrugada, tomado de horror, atirara a carteira com o dinheiro para um monte de lixo; á esquina de um Boulevard.

Aí fôra encontra-la o tio Carousse. O resto souberam-no os leitores, ao ler o primeiro capitulo desta novela.

Mauricio Bontou encontrára mais tarde a criminosa em Ostende, apaixonára-se por ela e acabára por fazer-la sua mulher.

E' claro qu e um casamento destes devia forçosamente terminar mal.

Lola tentou desfazer-se do marido logo que este se lhe tornou incomodo, e mandára-o acorrentar no subterraneo do tio Carousse.

Sherlock Holmes porém, graças ao seu extraordinario espirito deductivo, e á sua incomparavel energia, para a qual não havia obstaculos, conseguira descobrir a verdade no meio deste intrincado caso.

Dessa forma reabilitou a memoria do honrado Jacques Girardin, e vingou o pobre velho, o tio Carousse—o trapeiro de Paris.

F I M



Lêr no proximo numero :

Os ciumes do lord



Reappareceu

O CARLITOS

Publicação quinzenal

Cada numero \$100

A' venda nas tabacarias

Compram-se numeros usados

DAS

Aventuras do Capitão Morgan

REUMATOL

É o verdadeiro remedio para a cura do reumatismo em todos os graus em qualquer parte do corpo humano.

REUMATOL, emprega-se em todas as dôres reumaticas, dando um alivio immediato e uma cura completa e segura.

REUMATOL, é um remedio sem cheiro desagradavel, é usado em simples fricções, completamente inofensivo, não contendo substancia alguma *narcolotica* ou *toxica*, nem produzindo a mais pequena irritação, como outros remedios annunciados para o mesmo fim.

REUMATOL, é um remedio energico, que com simples fricções, cura completamente:

O reumatismo nodoso, o muscular agudo, o dos musculos da cabeça, do pescoço, agudo e articular cronico.

REUMATOL, empregado no reumatismo motivado pela *Sifilis*, tem sido de um exito completo.

REUMATOL, tem ultrapassado todos os medicamentos, taes como o *Salicilato de Sodio*, *Aspirina*, *Icdoretos*, e outros antigos no tratamento do reumatismo e que não produzem a mais insignificante melhora no doente.

REUMATOL, é diferente de todos os outros remedios para a cura do reumatico, vende-se pelas suas proprias qualidades, não precisando espalhafatosos annunciados, pois cada cliente lhe apreção as suas excellentes qualidades. Ele é tão energico e inofensivo, que basta uma fricção para a dôr desaparecer. Com a continuação de algumas fricções, a cura é completa.

Para provar as suas magnificas qualidades, dêmos uma amostra a quem a pedir. Com uma simples amostra, colhem-se immediatos resultados e são tão satisfatorios esses casos de cura, que na maioria os doentes pouco mais compram do que um ou dois frascos grandes, depois de comprarem a amostra.

Essa simples amostra que vendemos por **6\$00** são unicamente as despesas do frasco, rotulagem e selo da lei.

Alguns atestados medicos

ALFREDO TOVAR DE LEMOS JUNIOR
medico-cirurgião pela Escola Medica de Lisboa, medico sanitario pelo Instituto Central de Higiene, da Academia das Sciencias de Portugal, etc., etc.—Certifico, que tendo empregado, em alguns doentes com reumatismo o Reumatol, obtive manifesta acção sedativa da dôr. Por ser verdade, e me ser pedido, passo o presente que assino.

Lisboa, 23 de Abril de 1910.

(a) *Alfredo Tovar de Lemos Junior.*

AUGUSTO PEREIRA TOVAR DE LEMOS,
medico pela escola Medico-cirurgica de Lisboa, ex-chefe de Serviço de Saude de Moçambique, etc. — Atesto que na minha clinica tenho usado do Reumatol no tratamento do reumatismo agudo ou cronico com excellentes resultados, sendo o seu poder calmante superior a todos os productos similares.

Lisboa, 24 de Agosto de 1910.

(a) *Augusto Pereira Tovar de Lemos*

Envia-se pelo correio, para toda a parte com cuidadosa embalagem aos preços seguintes:

Amostras, 7\$50 — Frasco grande, 12\$00

NÃO SE ENVIAM À COBRANÇA

EM LISBOA:

Amostras, 5\$00 — Frasco grande, 10\$00

Todos os pedidos, devem ser acompanhados da importancia em vale do correio, cheque ou em carta registrada dirigida a

George Satin — Rua da Era, 17 - Lisboa

AVISO — A abertura desta obra constitue a obrição da sua compra.